

FACULDADE CONECTADA - FACONNECT | POLO A CASA TOMBADA
O LIVRO PARA A INFÂNCIA: TEXTOS, IMAGENS E MATERIALIDADES

EU E ELAS | DE CÁ PRA LÁ | EM QUASE TODO LUGAR
Processos criativos colaborativos na produção de um livro-objeto

TATIANA YUKIE NAKAMOTO

São Paulo
novembro de 2020

FACULDADE CONECTADA - FACONNECT | POLO A CASA TOMBADA
O LIVRO PARA A INFÂNCIA: TEXTOS, IMAGENS E MATERIALIDADES

EU E ELAS | DE CÁ PRA LÁ | EM QUASE TODO LUGAR
Processos criativos colaborativos na produção de um livro-objeto

Trabalho de Conclusão de Curso da Pós-Graduação Lato Sensu “O Livro para a Infância: textos, imagens, materialidades” apresentado à Faculdade Conectada | Polo A Casa Tombada

Orientadora: Profa. Ms. Camila Feltre

Tatiana Yukie Nakamoto

São Paulo

novembro de 2020

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Wilma, que sempre me incentivou aos estudos, respeitou meus momentos de produções. Admiro-te.

À minha orientadora Camila Feltre pela paciência, apoio, olhar sensível e companheirismo.

À fazedora de livros Aline Abreu, que me apresentou seus originais, seu processo de criação, sua feminilidade e generosidade.

Às amigas-mulheres que se dispuseram a dedicar seu tempo a olhar, escrever, fotografar, ler e falar sobre suas sensações e experiências.

À Angel minha amiga sempre presente, e ao Rafa, meu irmão, que palpitarão e viajaram comigo neste projeto gráfico.

À Adília, Angélica, Elenice, Jussara e Vilma que aceitaram o desafio de ler os primeiros pensamentos escritos com olhares críticos e cuidadosos.

À Liliana Pardini e Cristiane Rogerio que acolheram o convite para serem as leitoras deste projeto, com muita felicidade.

À coordenadora do curso Cristiane Rogerio que abriu portas e janelas para meu olhar divagar por um mundo de histórias para a infância.

À Casa Tombada por acolher e proporcionar encontros, sabores e vivências.

A todas as mulheres que me envolvem afetivamente, me fortalecem na caminhada da feminilidade e me transformam a cada dia.

SUMÁRIO

Caríssimas mulheres	05
---------------------------	----

PRIMEIRAS CARTAS. CARTAS sobre a CASA

Carta 1: Foi assim o começo desta história	08
Carta 2: Silêncio	09
Carta 3: Antes do começo desta história	10
Carta 4: Chegou voando sem asa	14
Carta 5: Quase ninguém viu - aproveitou a coragem	16

SEGUNDAS CARTAS. CARTAS sobre os CAMINHOS

Carta 1: Quando brotou a ideia	20
Carta 2: Logo virou uma <i>conversaiada</i>	21
Carta 3: Longas conversas sem palavras	23
Carta 4: Desconfiava da lembrança	28

TERCEIRAS CARTAS. CARTAS sobre os LIVROS

Carta 1: Livros... Livro-objeto. Livro de artista. Livro ilustrado	36
Carta 2: Tudo no mundo existe para tornar-se livro.....	39
Carta 3: A ideia de um livro-objeto.....	43
Carta 4: Em quase todo lugar	45

CARTA EPÍLOGO	50
----------------------------	-----------

FONTE DE PESQUISA	53
--------------------------------	-----------

APÊNDICES

ÚLTIMA CARTA. CARTA sobre a EXPERIÊNCIA

Carta final: Foi uma felicidade sem tamanho	55
---	----

Caríssimas mulheres,

A sequência de cartas a seguir é uma conversa aberta acerca do processo de criação e produção de uma fazedora de livros para a infância, Aline Abreu, bem como de minhas produções. Em uma conversa virtual que tivemos em meio à pandemia da Covid-19, ela revelou seus medos, conquistas, desejos e posicionamento pessoal, profissional e político, ao gestar seu livro *Quase ninguém viu*.

A autora me inspirou a convocar mulheres presentes na minha vida pessoal e de trajetória acadêmica para uma produção colaborativa e experimental de um livro-objeto, as cartas seguem em conversas com o livro. Na troca de correspondências afetivas, convidei-as a notar sutilezas por meio de frases e fragmentos ilustrados presentes na produção da escritora.

O resgate ao gesto da escrita por meio das cartas foi o caminho que entramos para trocas de afetos. Propício ao momento, em que os sentimentos, as dificuldades e as sensações de impotência estão afloradas, dado ao isolamento social. As linhas carregadas de amor, amizade e saudade foram amenizadas.

Boa leitura regada de abraços afetuosos.

PALAVRAS-CHAVES: Processo de criação, livro-objeto, coletivo, cartas, mulheres.

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
A vida não para
Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso faço hora vou na valsa
A vida tão rara

Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
E o mundo vai girando cada vez mais veloz
A gente espera do mundo e o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência

Será que é o tempo que lhe falta pra perceber
Será que temos esse tempo pra perder
E quem quer saber
A vida é tão rara, tão rara

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
Eu sei, a vida não para
A vida não para não

A vida não para não

(Carlos Eduardo Carneiro De Albuquerque Falcão / Oswaldo Lenine Macedo Pimentel)
Paciência. In: LENINE. Na pressão. Barueri, São Paulo: BMG Brasil, 1999. 1 CD.

PRIMEIRAS CARTAS. CARTAS sobre a CASA.

Nestas cartas apresento o começo desta história. Antes mesmo das ideias começarem a surgir. Reavivo memórias dos encontros n'A Casa Tombada e das pessoas que fizeram parte dela.

Converso com a autora e ilustradora de livros para a infância Aline Abreu, momento em que ela revela histórias repletas de afeto, do processo de criação do livro *Quase ninguém viu*¹ e, descontraidamente, reflete a respeito de sua trajetória como artista visual, escritora, professora, filha, mãe, mulher.

Junto, escrevo meus pensamentos, dúvidas e angústias para encontrar meu caminho para esta escrita.

¹ Os trechos do livro *Quase ninguém viu*, Aline Abreu, Ed. Jujuba, 2019, serão destacados na cor verde.

Carta 1: Foi assim o começo desta história

O verde guarda disfarces, tocas e escondidos.
Foi assim o começo desta história.
Ninguém viu.
Aline Abreu

Chegou o dia do começo do fim. Esta seria nossa última quarta-feira de trocas de afetos, escutas e falas no quintal d'A Casa Tombada. Como sempre, sabíamos como comemorar um encontro e este não foi diferente, caprichamos nos comes e bebes, teve bolos, pães, tortas, sucos e vinho. O diálogo foi marcado para divagar sobre nossas vontades e anseios no Trabalho de Conclusão de Curso e saber quem seriam nossos orientadores. Para aquecer o encontro, a coordenadora do curso e orquestradora da festa, Cristiane Rogerio, propôs um exercício no qual deveríamos conversar em dupla. A minha parceira foi a Tamiris, uma das pessoas que se tornou uma grande amiga e companheira de longas prosas na viagem de retorno às nossas casas. Apesar de nos conhecermos há dois anos, descobrimos um pouco mais sobre cada uma e em um papel escrevemos nossas descobertas. Num segundo momento, cada dupla leu o que foi escrito. Neste gesto de carinho, a escuta foi sensibilizada evidenciando as percepções de cada mulher que estava reunida naquele círculo.

Afetadas, chegou o momento de dizer nossas aspirações. Quase todas com seus projetos pensados e encaminhados para iniciar a pesquisa. Eu tinha apenas uma certeza, desde a entrevista para ingressar no curso: meu desejo era de me entranhar e explorar o livro-objeto. Livros sempre me fascinaram. No início trazia a vontade de produzir projetos educativos coletivos com algumas amigas, vi no curso a oportunidade de expandir meu conhecimento e olhar, uma vez que tenho uma paixão por livros artesanais. Retomando ao encontro, vi-me ainda sem planos, sem história a ser contada no meu TCC, estava eu apenas com meu querer.

Os dias passaram, o ano virou e eu precisava buscar meu começo. O ano de 2020 iniciou-se com grandes mudanças, uma nova escola num bairro distante, cruza novamente com os olhares curiosos das crianças e os gestos de apatia dos adolescentes. Preparava-me para este ano letivo, quem sabe seria lá que eu buscaria minhas perguntas. Aline Abreu me lembra, *o verde guarda disfarces, tocas e escondidos*, o que buscamos pode estar bem próximo de nós, basta ter olhar atento, na escola revela-se infinitas experiências vividas.

Carta 2: Silêncio

SILÊNCIO!

Silêncio.

(silêncio).

(...)

O silêncio me deu ciência da gravidade. Era fato, ela – a escola – estava vazia, sem sorrisos, gritaria, conversas e correria. Apenas silêncio. E não foi lá que encontrei minhas perguntas.

Foi no mês de março que tudo aconteceu por aqui, um comunicado em um pedaço de papel que colamos na agenda das crianças dizia: “se puderem, deixem seus filhos em casa”. No dia seguinte, duas ou três apareceram, no outro, só o silêncio. A quarentena estava decretada. No dia 18 de março parte do Brasil iniciaria o isolamento social em virtude da pandemia de Covid-19 e os docentes estavam em suas casas.

E agora? Abraços, afetos, olhares, amigos e familiares estariam fisicamente distantes, sem saber ao certo por quanto tempo. O início foi amargo, deixar de fazer o que era rotina para criar novos hábitos, superar medos e o desconhecido. Este é o contexto incerto em que escrevo meu projeto, com dúvidas, inquietações, vontades, preocupações entre tantos sentimentos. Agora, é a ansiedade que mais ocupa espaço, principalmente na minha busca por perguntas para compor a proposta do livro-objeto.

Passou um tanto de tempo. Eis que as inquietações começaram a surgir: É livro ou obra de arte? A capa preta no livro ilustrado é para qual infância? Toda capa precisa ser colorida e infantilizada? Quem são os autores brasileiros contemporâneos do livro ilustrado? Quantas são as mulheres autoras e ilustradoras atuantes na produção do livro para a infância? Quais histórias contar para infâncias de várias idades? Como é o processo de criação de um livro ilustrado? Ler a história de um livro para a infância faz com que olhemos para nós e para o outro? Refletimos sobre o cotidiano por meio de uma história? Sem pretensão de responder a todas as questões, escrevo algumas palavras, observo um nome e um livro presente em quase todas as respostas. Busco por este livro, leio mais atentamente e com outros olhares.

Naquela noite dormi bem.

Carta 3: Antes do começo desta história

Seu caminho, cada um o terá que descobrir por si.
Descobrirá, caminhando. [...]
Caminhando saberá. [...] Chegará a seu destino.
Encontrando, saberá o que buscou.
Fayga Ostrower

Escritores, ilustradores, designers, autores, fazedores de livros ilustrados. Quanta novidade. Mergulhei em um mundo novo, um velho conhecido e ao mesmo tempo desconhecido, os livros para a infância explodiram ao meu olhar, senti cada um deles e quis tê-los, literalmente junto a mim. Como não ser tocada por tantas palavras, imagens, narrativas, leituras e múltiplos sentimentos?

Nessa caminhada de redescoberta e sensações, surge aquela professora, que trouxe a sua história ilustrada, explorando as materialidades que seduziram o meu olhar. Fui contaminada. O caminho por minha busca apresentava os seus rastros.

Durante as aulas, a jovem professora Aline Abreu, ilustradora, escritora e pesquisadora brasileira, nos presenteou com os originais da sua próxima história, de uma produção que estava guardada há muitos anos. Nos contou como foi o começo desta aventura e o processo de guardar e aguardar o momento do nascimento de seu livro ilustrado. Ela já autora de muitas publicações, incluindo “Menina Amarrotada”, lançado pela editora Jujuba e que fez parte do “Prêmio 30 Melhores Livros Infantis do Ano” de 2014, promovido pela revista Crescer.

Lembro-me da professora Aline espalhando as pranchas ilustradas do seu próximo livro, desde os primeiros estudos até os finais. Mostrava, pausava, sorria, contava e repousava novas palavras que dançavam em nossos ouvidos. Nos revelou que a ideia surgiu quando caminhava na trilha da Mata Atlântica. Estava atenta ao trajeto, quando uma família de bromélias capturou seu olhar e sua imaginação foi longe. A história foi se desenhando na sua mente, pererecas saltando e pulando de uma casa-bromélia para a outra, “quantas coisas estariam acontecendo dentro de cada uma daquelas plantas que são também um mundo inteiro?”². Estava nascendo o livro *Quase ninguém viu*.

Ao chegar em casa, rapidamente rabiscou palavras e imagens. Foi assim o começo desta viagem. Por anos, ela rascunhou, fez experimentos e a história a acompanhou por dez

² Relato no IG (@jujubaeditora_), postado em 15 de julho de 2019.

anos. Fiquei impressionada com tal gestação e uma pergunta surgiu: Qual foi o caminho desta longa história? Em uma conversa³, a artista revelou:

a primeira vez que eu caminhei na mata, fiz os primeiros estudos, o boneco⁴. Seria um livro sem palavras, um livro-imagem. Apresentei para duas editoras e não deu certo, peguei de volta por não achar que estava bom, o primeiro título era ‘Pererecas’. Fiz todas as pranchas pensando apenas no livro sem palavras, foi quando vi, precisava de texto verbal.

Durante o processo a autora se inscreveu no Concurso Nacional de Literatura João-de-Barro - Literatura para Crianças e Jovens / 2015 e, nesta época, o concurso premiava esta categoria de dois em dois anos. O ineditismo é um dos critérios para a participação do prêmio criado em 1974 pela prefeitura de Belo Horizonte, aliás é o único no Brasil a premiar o Livro Ilustrado. Contudo esta categoria apenas deu-se no ano de 2011, quando viu-se a necessidade de olhar para as produções além dos textos literários e se aproximar do encontro das linguagens do texto, imagem e design / projeto gráfico.

Dedicou-se inteiramente ao concurso: “eu sei qual é a história, o projeto eu já tenho, pensei: a hora é agora”⁵. Escreveu um texto e montou a sequência. Olhou para sua história e reconheceu que a essência se manteve, “o que mudou foi incluir o texto. Com ele amadurecido, as imagens foram se reorganizando em um processo orgânico.”⁶

Mesmo assim,

o que foi criado não tinha mais nada a ver com o que eu queria. Qual seria a nova linguagem visual? O processo mais difícil foi desapegar do que estava feito e encontrar uma forma nova de me expressar visualmente, depois de todo

³ Conversa virtual realizada com a escritora Aline Abreu, no dia 08 de setembro de 2020.

⁴ O boneco é uma prova impressa do seu arquivo, simulando, de forma aproximada, como ele deve ficar em seu formato final (ou seja, impresso). O boneco é usado para identificar e prevenir falhas que não foram ou não poderiam ser identificados sem a geração de um “protótipo”.

Fonte: PRINTI. **O que é um boneco?** Como fazer um boneco? Disponível em: https://www.printi.com.br/montagem-do-arquivo/o-que-e-um-boneco-como-fazer-um-boneco?mkwid=s-dc_pcrd_394838188253_pkw__pmt_b_slid__product__&pgrid=81857538666&ptaid=dsa-833269905003&gclid=EAIAIQobChMIsM_m6NCP7AIVFQaRCh0OnQK_EAAYASAAEgLG2vD_BwE. Acesso em 29.09.2020

⁵⁻⁷ Conversa virtual realizada com a escritora Aline Abreu, no dia 08 de setembro de 2020.

o caminho que já havia percorrido. De lá até aqui, estudei e realizei novos estudos.⁷

Nestes estudos, Aline vai em busca de suas referências.

Antes de escrever o livro, Aline viajou para a Amazônia e ficou impressionada com a sua imensidão. Ao caminhar pela floresta, deslumbrou-se com a diversidade de biomas e colorização das águas dos rios, mas foram as cores presentes dentro na floresta que brilharam ao seu olhar. Eram tantos tons de verdes, marrons, pretos e brancos misturados ao caos de linhas dos galhos que se desenhavam no espaço. Ficou fascinada “tudo é orgânico, vivo, é um processo que vai morrendo e nascendo”⁸. A vivência foi marcante e a artista visual buscou dar vida a esta lembrança, o gesto caótico da mata apareceu no momento em que o grafismo gestual e as manchas densas se revelaram em movimentos corpóreos.



Aline Abreu, *Quase ninguém viu*, 2019. (imagem: site oficial da artista.
Fonte: https://www.alineabreu.com.br/portfolio?lightbox=image_1ukv)

Dedicada e amante da pesquisa, Aline Abreu investiga o objeto de estudo por completo.

As aquarelas da artista botânica Margaret Mee⁹ saltaram ao seu olhar. Debruçou-se sobre os seus estudos com bromélias e principalmente nos esquemas cromáticos que queria

⁸ Conversa virtual realizada com a escritora Aline Abreu, no dia 08 de setembro de 2020.

⁹ Pesquisadora inglesa, especializada na flora Amazônica brasileira.

para o seu livro, buscava resolver o problema dos contrastes de cores: “antes era tudo muito verde; a floresta, as pererecas. Uma monotonia, tudo igual. Cheguei à conclusão que não queria nenhum verde no livro.”

Na dança das palavras e das imagens, a cor se revelou na escrita: **O verde guarda disfarces**, esta é a frase que daria início à história. O vermelho já existia no primeiro boneco, bastava encontrar o seu par na dança do contraste. Eis que a cor turquesa se apresentou para o baile.

A fazedora de livros¹⁰ encontrou a forma de contar sua história e no mês de novembro de 2016 foi confirmada, vencedora do prêmio João-de-Barro.

Contudo, esta história ainda estava longe do fim.

¹⁰ Termo em que a autora Aline Abreu se auto define em sua dissertação de mestrado. ABREU, Aline Senra Vasconcelos de. **O Texto Potencial no sistema ecológico do livro ilustrado infantil**: palavra-imagem-*design*. 2013. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. p. 12

Carta 4: Chegou voando sem asa

Primeiros olhares, primeiros contatos com o livro.

Sophia Linden¹¹

Ela é grande. No primeiro olhar, vê-se a capa escura, quase preta, com expressivas linhas e pontos brancos sobre o tom cinzento. No canto inferior, uma mancha vermelha surge como um borrão atraindo o olhar. Será que é a luz da esperança e fé? É o borrar para a mudança? É o revelar o escondido, aquilo que quase ninguém vê?

A jornada do livro ainda teve longos três anos para ser gerado após a conquista do prêmio João-de-Barro. Poucas mudanças aconteceram na sua produção, mas desta vez a autora teve a oportunidade de compartilhar sua gestação com outros artistas da palavra e da imagem. Este momento de escuta foi primordial para a afirmação da sua produção, “foi um processo de confiar em mim e também contar com os olhares de pessoas que você confia, te dando um retorno, de ouvir críticas que contribuem para o trabalho e conseguir filtrar as opiniões”¹².

Uma mudança significativa foi a produção da capa. A escolha do papel aparente com gramatura alta, fizeram com que ela fosse firme e apresentasse um aspecto rústico.

Resgatando a memória de outra viagem e de outra floresta, Aline sorri ao revelar “A vida toda sempre fui abraçadora de árvores”¹³. A energia da árvore é algo que se sente. A capa precisava ter a sensação do toque da casca da árvore, de sentir, é algo que quase ninguém vê.

Além da materialidade, a escolha das cores e da ilustração para a capa de um livro para a infância atrai olhares, principalmente neste livro em que a capa tem matizes carregadas de preto. Ela explica o porquê da escolha:

A capa é uma síntese, a sensação de que você está chegando na floresta. Quando o título foi definido, *Quase ninguém viu*, eu queria que a entrada no livro fosse essa coisa misteriosa, das coisas que estão escondidas, que você tem que olhar e procurar muito, para conseguir ver algo, que pode estar escondido numa sombra, embaixo de alguma coisa ou dentro de algum buraco.

¹¹ LINDEN, Sophia Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p.57

¹²⁻¹³ Conversa virtual realizada com a escritora Aline Abreu, no dia 08 de setembro de 2020.

O que ficou marcante na capa preta são as linhas, é um elemento gráfico que une muitas imagens.

Durante todo o processo de produção, Aline Abreu teve o cuidado nas escolhas dos papéis e das impressões. O miolo também teve uma atenção especial, era preciso ser impresso no papel *offset*, para que a sensação do toque fosse sentida, harmonizando-se com a capa. Ela acompanhou o processo de impressão e aprovação das provas e literalmente viu seu livro nascer.

Finalmente num sábado de julho de 2019, o livro *chegou voando sem asa, cada vez mais ligeiro, até pousar como gota em fim de chuva* no espaço Lugar de Ler, localizado na cidade de São Paulo. *Quase ninguém viu*, lançado pela editora Jujuba, surge assim, objeto sem asas reais, todavia com muitas asas para fluir a imaginação, os olhares e as leituras.

O minúsculo personagem nos guia em sua aventura; ele pula, salta, voa, acalma, pensa, questiona e sente. Ao ler nas entrelinhas, o personagem pode ser cada um de nós nesse planeta tão imenso, vivo, mutante e repleto de incertezas. E assim, somos conduzidos da ficção à reflexão em relação a vida.

Uma das possíveis leituras de *Quase ninguém viu* versa sobre as diferenças, os afetos, os encontros e a busca da identidade do personagem, mas para a autora, é primordial deixar espaços para outros olhares, ampliar e expandir a narrativa para interpretações do mundo, “principalmente pensando nesse nosso contexto político¹⁴ atual”, comenta Aline¹⁵. Outra leitura essencial para a condução da história foi a busca dos personagens por um lar maior, onde pudessem viver todos juntos. A ideia era importante, mas a verdadeira procura estava em uma nova forma de viver.

Uma nova forma de viver. Esta é a nossa busca presente, dias de quarentena, corpos se adaptando às nossas casas, ultrapassamos duzentos dias numa rotina jamais vivida na contemporaneidade. *Quase ninguém viu* é a leitura que dá voz, acalenta o coração.

¹⁴ Para uma parcela da população brasileira, um momento de incredulidade e insatisfação aos atos do presidente eleito no ano de 2018.

¹⁵ Relato no IG (@jujubaeditora_), postado em 15 de julho de 2019.

Carta 5: Quase ninguém viu - Aproveitou a coragem

Todas as mulheres são pássaros que o patriarcado tenta aparar as asas [...] assim mesmo muitas e muitas asas aparadas levantam voo.
Bell Puã¹⁶

Quase ninguém viu a história escondida por trás da história.

A escritora Aline Abreu aproveitou a coragem, acreditou no seu potencial como fazedora de livros, jogou-se, revelando a verdadeira ilustradora escondida por muitos anos. Levantou voo.

Em *Quase ninguém viu*, ela foi em busca de sua identidade, de sua essência artística. “O livro tem um peso bom, uma importância de trazer à consciência de quem eu sou como artista e para onde quero ir com o meu trabalho. Me joguei e disse: é isso que eu sou”¹⁷. O livro empoderou a mulher-artista-escritora, libertou a sua voz e fez-se necessário gritar: “Eu sou artista!”.

Aline sempre ponderou sua posição como artista plástica, por preocupar-se com os julgamentos, criava um imaginário arrogante na persona deste profissional. Talvez esse pensamento se deva a criação e formação patriarcal de evidenciar as referências masculinas, desqualificando e desvalorizando a produção artística da mulher.

O livro revelou a mulher-artista, mas foi a maternidade que desvelou outros olhares e pensamentos. Seu primeiro filho nasceu no mesmo ano em que a escritora caminhava pela mata, deslumbrando-se com a paisagem que marcaria sua trajetória de autora. Na gravidez da filha mais nova¹⁸, Aline começou rever suas relações, principalmente com a mãe e sua criação familiar; voltou a ver e pensar sobre seus caminhos e sua posição atuante no mundo como mulher. *Quase ninguém viu* e seus filhos são descobertas e frutos fortalecedores da mulher-mãe-fazedora de livros.

Atualmente, ela se percebe mais feminista e crítica quanto à política, sociedade, educação. Como educadora, questiona-se e reflete suas trocas com os estudantes:

¹⁶ Isabella Puente de Andrade, historiadora e poeta de slam. Vencedora do Campeonato Nacional de Poesia Falada – Slam BR 2017, representante do Brasil na Poetry Slam World Cup 2018, em Paris. DUARTE, Mel (org.) **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 33

¹⁷ Conversa virtual realizada com a escritora Aline Abreu, no dia 08 de setembro de 2020.

¹⁸ Hoje, com três anos, sua filha nasceu durante o processo do nascimento do livro *Quase ninguém viu*.

na universidade, os referenciais que me formaram foram masculinos, sem perceber, eu estava reproduzindo isto também, comecei a me questionar violentamente. Hoje, reviso todas as minhas referências; quantas artistas negras e negros, indígenas, mulheres estão presentes nas minhas aulas?¹⁹

Seu desejo é continuar a lecionar, levando este pensamento e o olhar de múltiplas linguagens, ao compartilhar seu conhecimento sobre fazer livros, em contextos históricos, sociais, políticos e artísticos. Com olhos bem atentos afirma: “Sou apaixonada por arte e ainda sou idealista a ponto de acreditar que a arte pode salvar o mundo”. (ALINE ABREU, 2019, Lugar de Ler).

A confiança da artista na arte, me faz crer na força da leitura como transformadora desse mundo. Em especial, trago para este diálogo a presença da autora e ilustradora Marilda Castanha, no momento em que ela apresenta o olhar, escrevendo a contracapa para o livro *Quase ninguém viu* e nos faz refletir:

Aline, gráfica e poeticamente, revela para leitores atentos (sejam eles pequenos ou grandes) que, para vivermos uma felicidade “sem tamanho”, não importa se pertencemos a essa ou àquela família, se somos azuis ou vermelhos polarizados ou não. E que felicidade sem tamanho existe quando, ao somarmos nossas diferenças, partilhamos também nossos melhores afetos. (in: *Quase ninguém viu*, 2019).

Se pensarmos na época²⁰ em que foi escrito o texto de Marilda Castanha, claramente relacionamos à atualidade vivida no país, momento de inquietações políticas, escancarando as diferenças sociais e eclodindo a polarização, opiniões políticas divergentes, sem filtros, respeito e empatia. O partilhar afetivo foi rompido entre muitos amigos e familiares, a felicidade quase desapareceu.

Afetada, Aline aprecia a fala de sua companheira: “o texto da Marilda foi significativo, depois que li, eu pensei em muitas coisas de outra forma, não consigo mais ler o meu livro e não pensar como sendo político, assumidamente político, eu politizei o meu olhar, ainda mais do que ele já é. São as contaminações”²¹.

¹⁹ e ²¹ Conversa virtual realizada com a escritora Aline Abreu, no dia 08 de setembro de 2020.

²⁰ Castanha escreve a contracapa do livro *Quase ninguém viu* no foi de 2019, no Brasil, estávamos vivenciando o primeiro ano de mandato do presidente eleito em 2018.

A história do pequenino personagem continuou a contaminar e dar saltos de felicidade por muitas e outras bromélias.

Chegou 2020 e, neste ano ímpar, a fazedora de livros e sua obra tiveram sua excelência reconhecida: quase um ano após o seu nascimento, *Quase ninguém viu* foi um dos selecionados no “Prêmio 30 Melhores Livros Infantis do Ano”, da revista Crescer, e a Aline Abreu foi homenageada com o Troféu Monteiro Lobato de Literatura Infantil, concedido desde 2012 ao autor ou ilustrador que mais se destacou no ano anterior.

A premiação foi uma grande surpresa, os preparativos para o evento precisavam ser planejados com muito cuidado, assim como fora nos anos anteriores, mas com a diferença de não ter um espaço físico para o acontecimento.

Este é o momento em que a editora da revista Crescer Ana Paula Pontes e a jornalista Cristiane Rogerio divertem-se ao planejar a lista de convidados para a festa. Familiares e amigos mais próximos não poderiam faltar, porém têm o desafio de guardar segredo sobre o prêmio.

A revelação deste ano foi um tanto inédita para as organizadoras, convidados e premiada. E como fazê-la? A jornalista aproveitou a onda das *lives*, convidando a escritora para um encontro, argumentou que todos os indicados ao prêmio deste ano estariam presentes. Mas apenas a única contemplada com o selo estava nesta comemoração.

Numa tarde bonita de sol, às três horas em ponto, Aline entrou na sala, a festa estava completa. Presentes, a sua editora Daniela Padilha, os amigos escritores e ilustradores André Neves, Odilon Moraes, Carolina Moreyra e Lucia Hiratsuka, além de outras mulheres convidadas ilustres. Surpresa mesmo, ficou ao ver as amigas de infância Estéfi e Thais, ela se emocionou, o trio de amigas, novamente estava por inteiro.

Estudantes, professores, profissionais de diversas áreas estão se utilizando desse modo virtual para os trabalhos remotos no tempo de pandemia. A plataforma de videoconferência aproximou amigas e amigos da autora e foi assim, emocionada, que Aline recebeu a boa nova em sua casa e cada convidado da festa igualmente em suas moradas, isolados, ainda assim juntos. E Cristiane Rogerio comenta: “É um reconhecimento, foi o ano dela.”²²

Foi uma felicidade sem tamanho.

²² Conversa por aplicativo de áudio com a jornalista Cristiane Rogerio em 28 de setembro de 2020.

SEGUNDAS CARTAS. CARTAS sobre os CAMINHOS.

Fui em busca do meu caminho. Na caminhada, me entrelacei com outros caminhos.

O livro *Quase ninguém viu* deu o impulso para as minhas perguntas e pistas para as respostas de algumas inquietações apresentadas nas primeiras cartas.

O pequenino personagem da premiada publicação me inspirou a buscar o começo das minhas inquietudes. *Aquele que ninguém viu, ou quase ninguém.*

Carregava comigo um pedaço de sombra, onde por muitas vezes entrava para pensar na família deixada do lado de lá. Me faz falta os sorrisos e a vontade dos abraços. Os afetos foram recolhidos.

No vai e vem do sol, a ausência dos braços e abraços foi aumentando. *Quando brotou a ideia de uma visita.*

Com coragem enfrentei o desconhecido. Pedi licença e adentrei nas casas de amigas queridas. Levei comigo uma xícara de chá, bolachinhas, um dedo de prosa, a leitura de um bom livro e um convite.

Carta 1: Quando brotou a ideia

(...) a família estava quase inteira.
Logo virou uma conversaiada.
Aline Abreu

As famílias causam ruídos, os sons das palavras estão ausentes nos lares. O silêncio interior é ensurdecedor. As vozes querem sair para encontrar outras vozes; outro ouvir.

Na ânsia de pessoas, de toque, de falas e escutas, surgiu a ideia de reunir para um café as tantas mulheres que pertencem a minha vida e são tão caras a mim. Sem o contato físico como fazer acontecer esta união? Eis que a tecnologia está tomando conta do dia a dia de muitas pessoas e eu não fiquei de fora. Os aplicativos de chamadas de vídeo estão proporcionando encontros e paradoxalmente, aproximando pessoas afetivamente de modo virtual.

Foi assim, numa sede de trocas que brotou a ideia das conversas. Convidei minhas amigas para falar sobre a vida em isolamento, saber como estavam e apresentar uma proposta colaborativa de produção.

Seríamos mais um grupo de bilhões de pessoas conectadas a bilhões de coisas ao mesmo tempo. Na “teia de redes” é muito fácil se perder no tempo e espaço. Parte da nossa história de vida se passa em Chronos, Senhor do Tempo, quase sempre é ele quem dita o que devemos fazer. Enquanto Kairós é o respiro, a leveza, o momento do prazer, da criação, reflexão, da inventividade. O tempo deixou de pertencer a Chronos e concedeu o espaço a Kairós.

O tempo do olhar, de perceber aquilo que *Quase ninguém viu*. Foi assim, no tempo de Kairós, que começo esboçando o projeto; primeiramente olho para os nomes²³ daquelas que seriam minhas companheiras de criação e produção nesta caminhada. Busco por aquelas que fizeram parte do trajeto no curso “O livro para a infância” n’A Casa Tombada. Desde o primeiro ano era um desejo formar um grupo de estudos, um coletivo ou algo parecido, a sintonia entre todas foi imediata, nos afeioamos, não queríamos nos largar. Em seguida volto-me às amigas de segredos, sonhos e desejos compartilhados e para fechar o círculo, busco minhas amigas da adolescência, as meninas-mulheres que cresceram juntas a mim e com as quais a admiração e o respeito se fizeram presentes a todo momento.

Vinte e nove mulheres. A família se formou.

²³ Os nomes das mulheres que receberam as cartas estão em apêndices (Amigas-mulheres).

Carta 2: Logo virou uma conversaiada

Um dedo de prosa. Primeiro, escrevo o convite em forma de carta, queria algo informal. Grafo as letras em um dia sensível, naquela semana do mês em que toda mulher conhece a sensação de múltiplos sentimentos e desejos. Era o momento de me expressar e conversar com cada uma, no coletivo. Espalho as palavras num papel. A carta estava pronta. Algo intimista, manual.

Resgato o gesto da escrita tão necessário, já que atualmente trocamos a todo momento mensagens virtuais. Afloro lembranças da minha infância, quando aprendi a escrever cartas, bem como a memória da adolescência em que trocava confidências com elas, minhas amigas da juventude, gestos de carinho, amor e amizade eram expressados pelos desenhos e pela escrita. Guardo até hoje fragmentos desta recordação.

Apesar da escrita manual o convite foi virtual. Ilustrei um desenho significativo à cada grupo de amigas que acompanhou uma mensagem informal para a conversa com chá²⁴. Tudo pronto.

Eu havia participado de poucas reuniões neste formato, para mim tudo ainda era uma grande novidade. As datas para os encontros virtuais foram marcadas, foram seis ao todo, no período de uma semana.

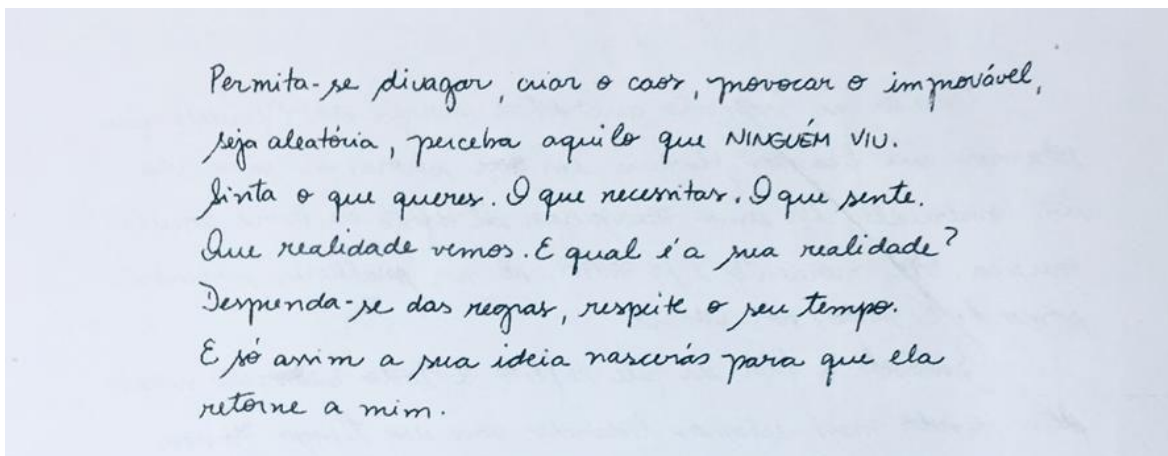
Preparei-me. Esbocei um roteiro, fiz meu chá de ervas, servi-me de bolachinhas, separei a carta, o livro *Quase ninguém viu* e me agarrei a felicidade de rever todas aquelas mulheres.

O reencontro foi um abraço que não queria acabar.

Estava ansiosa, afinal havia quase 20 dias que não nos víamos e nossos encontros eram semanais. Começamos falando do cotidiano, dos medos e das saudades. Em seguida propus a leitura do livro, foi uma experiência diferente. Meu contato de mediação sempre foi com as crianças, neste ano estava me aventurando a ler para os adolescentes, ler para adultos é raro. Li e deixei livre para quem quisesse comentar suas percepções e reações, nada comentei sobre a utilização do livro na criação do projeto. Em seguida fiz a leitura da carta e este foi um momento mais íntimo, recheado de emoções, vi nos olhares o reconhecimento e o afeto, algumas sorriram e outras choraram. Na carta, escrevo sobre o momento sensível e forte da mulher, do tempo presente de isolamento social, da esperança e fé em novos dias,

²⁴ Os *prints* da conversa pelo aplicativo móvel estão em apêndices (Os convites).

do encontro e dos afetos que sentimos uma pelas outras, e finalizei propondo uma livre criação pessoal. Eis um trechinho²⁵:



Enviei a correspondência no mês de maio que, na mitologia romana, representa o feminino e a fertilidade, homenageando a deusa Maya. Considerei propício e síncrono com este tempo, justamente por falar de e com mulheres.

²⁵ A carta na íntegra está em apêndices (A CARTA).

Carta 3: Longa conversa sem palavras

A amizade em ler *com* implica-se na amizade de *aprende com*, no se en-con-trar do aprender.
Jorge Larrosa²⁶

Os dias se passaram, os encontros se completaram. As conversas reverberaram. Ler com elas foi o encontrar das palavras. O alimentar da alma.

Nestes encontros, aprendi a viver e entender um pouco deste momento de isolamento. E compreender a extensão do convite proposto. Cada uma partilhou o seu agora e recordamos memórias vivas, sentimos a importância do diálogo e o rever de cada rosto conhecido ou conhecer um novo.

Trago algumas falas, impressões e fragmentos destes encontros.

Você começou fazendo um convite para a turma. Acabou que naquele encontro ficou eu, a Day e você. Foi muito curioso, porque a gente se conheceu no mesmo dia, foi na entrevista para entrar na pós. Foi bem especial a gente se encontrar, somente as três neste momento de finalização, de conclusão de um TCC.

Você estava misteriosa, começou lendo um livro da Aline Abreu, foi muito gostoso ver esta leitura acontecendo, já que era um hábito tão cotidiano no curso, sempre ouvir histórias, é um lugar de aconchego. Mesmo lendo na tela foi muito real, presente. Depois, aconteceu a leitura do seu texto, onde você fez um convite para que nós embarcássemos juntas. O que achei mais legal, foi algo que todo mundo queria ter feito, todas nós do curso já havíamos pensado nisso, em fazer junto. Nossa turma foi muita unida, o tempo todo. Tínhamos muito prazer em nos encontrar, sempre era um grande encontro para todas, festejávamos a cada momento. E nesse tempo quando nós pensamos, como seria escrever um TCC na quarentena? Me questiono o que pode sair disso. A sua proposta em pensar junto foi muito feliz, muito bonita a ideia e acho que vai ser mais bonito ainda, depois.

Tamiris Maróstica, 08 de maio de 2020.

²⁶ LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana** danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 6ª ed. p. 179

Tamiris recorda o momento do primeiro encontro, as coincidências e os acasos que as visitas podem causar. De pronto, veio-me à memória os pequeninos personagens saltitantes, festejando o encontro das famílias reunidas.

Desde o convite fiquei com uma expectativa crescendo dentro. A ideia de uma coisa boa que estava para acontecer. Ver quem a gente quer bem, numa proposta de encontro mediado por uma querida, para algo do instante de antes, do durante e do depois.

Teve cumprimentos ternos com o olhar e as palavras. Foi demorado porque também era demorado o tempo da saudade. Teve a sorte de conhecer alguém novo, sorte porque não se imagina que no dia de reencontrar conhecido, conheceremos pela primeira vez. Eu amei!

Senti o presente da leitura de “Quase ninguém viu” na primeira vez que leram esse livro para mim. Primeira vez que leram pela tela. Primeira vez que ouvimos juntas essa história de família, de amor, de miudeza e infinito, de escondido revelado. Eu amei!

Senti que o tempo passou depressa, correu, correu.

Que calor me trouxe o pedacinho de hora esticada que passamos juntas.

Laizane de Oliveira, 01 de junho de 2020.

Na poesia da Laiza me saltou o seu olhar em relação a primeira vez, foi a sua em ouvir e foi a minha em contar. O tempo apressado de antes, se torna lento no momento de isolamento. Com infinitas memórias e vontades o tempo volta a correr em nossa conversa. A pausa para a escuta, olhares e descobertas foi proporcionada pelo livro *Quase ninguém viu*, que fez parte dos encontros, revelando o que estava escondido em cada uma de nós.

Me senti muito feliz no encontro de hoje. Me senti parte de um coletivo que tem um vínculo, um coletivo de mulheres que de alguma forma produziam alguma coisa juntas. Me senti bem acolhida por você, pelas meninas, pela história que você contou, pela proposta. Fiquei animada para receber suas orientações e produzir alguma coisa. Admiro você, seu caminho, seu cuidado, sua delicadeza de pensar individualmente em cada uma de nós e ao mesmo tempo formando o coletivo. Tem a força do grupo, e também a individualidade de cada uma.

Bárbara Dias, 09 de maio de 2020.

A felicidade nas palavras de Babi relata a força do grupo, do coletivo. Assim como o respeito a individualidade e contribuição única de cada mulher.

Achei bem legal você contar uma história como forma de sensibilização. *Quase ninguém viu*. Transpus o título do livro para a minha realidade, geralmente quase ninguém vê as coisas que acontecem, que inspiram. As pequenas coisas, se observássemos de perto e víssemos de verdade, a gente teria mais alegria, mais força e inspiração. Esta história me deixou pensativa e curiosamente, me ligou com o trecho de um livro que estou lendo “não é nas grandes coisas que reside, é nas pequenas coisas do cotidiano que reside a pedra preciosa de um momento”²⁷. Me inspirou, coincidiu de alguma forma com o que você está propondo. Eu achei bem legal a proposta de participar do seu TCC, você não sabe ainda, talvez eu faça isso, de outra forma, ligado a estes momentos importantes e valiosos, pequenos à primeira vista, mas grande no coração. Amei o projeto, mais ainda, ele vir por carta e uma carta dirigida a cada uma. Eu me senti alimentada, conversar um pouquinho sobre nós, curtir a gravidez da Daiane, as inquietações da Laiza. Deu material para o meu próprio trabalho. Muito delicado, muito sensível como você, mas muito poderoso o nosso encontro, delicado, breve, mas poderoso.

Adília Cristóforo, 08 de maio de 2020

Adília me trouxe a importância destes encontros. A retomada dos projetos, das pesquisas e dos caminhos para a escrita do TCC. Em algumas falas, o sinônimo da palavra inspiração ocupou formas.

O reencontro que você promoveu foi muito agradável, bem dosado, permitindo que a gente pudesse ouvir pacientemente, interessadamente e descontraidamente uma a uma, e, ao mesmo tempo, nos chamando a retomar o objetivo do curso e do TCC. Embora muitas estejam em dificuldade de caminhar com seus projetos - pelas limitações impostas pela pandemia ou mesmo pelo estado emocional que afeta diferentemente cada uma de nós nesse momento delicado -, ver alguém produzindo com tanto entusiasmo é bonito e contagiante. Poder contribuir com

²⁷ "Onde se encontra a beleza? Nas grandes coisas que, como as outras, estão condenadas a morrer, ou nas pequenas que, sem nada pretender, sabem incrustar no instante uma preciosa pedrinha de infinito?" Muriel Barbery (in *A Elegância do Ouriço*, São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2008)

um projeto que, eu tenho certeza, resultará em algo belo, delicado ou surpreendente, entusiasmo ainda mais. Como diz a Babi, que a Deusa te inspire na sua trajetória e no seu processo de criação.

Jussara Mangini, 11 de maio de 2020.

O relato da Jussara me fez perceber o quão difícil é equilibrar as tarefas do cotidiano, juntamente à escrita do projeto. A pandemia além do isolamento social causou diversos desconfortos emocionais, fazendo com que haja uma reorganização para a escrita e que ela seja repensada constantemente.

Quando veio o seu convite para a gente conversar no Zoom, eu adorei! Ver a meninas e ver você foi um sair da rotina do dia a dia, ouvir cada uma e voltar a pensar nos livros para infância. Voltar a pensar na gente, nos nossos projetos.

Eu fiquei fascinada com o teu projeto, apesar de não saber de alguns detalhes, deu para visualizar um pouco o que você está pensando. Vai ter uma esfera, uma ampliação maior do que você pensa: envolve o seu fazer, o caminho até chegar em nós, como vamos receber e ler, o que vai tocar dentro de cada uma, o nosso trabalhar com tudo isso, o escrever, te devolver e este caminho do voltar, quando você receber, o que vai ecoar.

Fiquei muito feliz durante a nossa conversa, quando desligamos, continuei muito feliz, na sequência me deu energia e comecei a ler mais, porque antes não estava nem tocando os livros. Consegui me dar uma tarde de leitura, me fez voltar a pensar nos livros, comecei a ter ideias para o meu trabalho.

Este é o meu relato pessoal, tudo de bom que veio a partir do teu trabalho, da tua ideia, dos encontros que você gerou. Agradeço, muita gratidão, foi muito bom para mim e para todas, a gente sente, todo mundo alegre conversando, saudades dos nossos encontros. Ano que vem nós conseguiremos voltar a se ver, se encontrar, mascaradas, mas a gente consegue matar a saudade.

Jaqueline Ortiz, 25 de maio de 2020.

Pensando na saudade dos encontros, esta reunião de mulheres foi o fortalecimento dos vínculos, mas também o ânimo de retomada dos projetos, percebi a luz nos olhos e o sorriso nos lábios de cada uma, ao falar e ouvir a outra.

Como proposta, anunciei a ideia de ressaltar a individualidade de cada uma, mesmo numa produção coletiva, colaborativa. Acredito na potencialidade, singularidade, liberdade

e força dessas fazedoras de histórias; e como elas podem contribuir com o projeto, apresentando leituras diferentes que olham para a mesma direção. Trago o professor de Filosofia da Educação da Universidade de Barcelona Jorge Larrosa para esta conversa, quando diz “a amizade da leitura não está em olhar um para outro, mas em olhar todos para a mesma direção. E em ver coisas diferentes. A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto.” (LARROSA, 2017, p. 181). O que eu não vi, verei pelos olhos delas.

Ficou em mim, o cotidiano de cada uma e vagarosamente me alimentei com os pensamentos em *longas conversas sem palavras*.

Carta 4: Desconfiava da lembrança

Desconfiei das minhas lembranças, daquelas que sinto saudade. Neste momento de isolamento as viagens e passeios pela cidade são os que mais fazem falta. Gosto de “andar por aí” olhando para o alto, descobrindo e redescobrendo novas paisagens. Meu olhar curioso, de viajante, cria formas e pensamentos ao caminhar. Faz parte do meu processo de criação, busco referências no cotidiano, nas histórias e nos experimentos.

Sem poder caminhar recupero na memória as minhas viagens. Por cada lugar que passo, compro um cartão postal e o envio para alguém especial. Começo a ver este projeto como uma viagem, escolho produzir um conjunto de afetos à carta lida nas conversas virtuais.

O postal, por ser tão afetivo para mim e unir imagem e palavra, é o meio que escolhi para dar exclusividade a cada correspondência. Começo a buscar trechos e fragmentos das ilustrações do livro *Quase ninguém viu*, estudo técnicas, papéis e formatos, observo as cores que compõem o livro – vermelho, azul turquesa, amarelo, branco e preto – e percebo a ausência do verde que fora tão utilizado nas primeiras pranchas ilustradas pela autora. E em conversa ela diz: “a história se inicia com o verde”, verde na escrita, na palavra sem a necessidade de colorir com este pigmento.

As linhas expressivas da autora me levam a ver algo que pode estar escondido. De impacto, parecem elementos agressivos como rabiscos nervosos. Em uma das conversas, minha amiga Juliana Yamada expõe o seu sentimento em relação ao desenho: “Eu não compraria este livro para o Theo, meu filho, a história é muito bonita, traz uma mensagem importante. Mas me deu uma angústia ao ver estes rabiscos, estes traços com cores fortes”. Mediando essas palavras, sem tentar convencê-la, eu e outra amiga, a artista Renata Felinto, refletimos acerca da ilustração. Algumas hipóteses foram mencionadas: “Será que estas linhas podem ser expressões de uma criança?”, “A literatura para infância precisa ter imagens ‘fofinhas’ e com cores pasteis?”. “Talvez o livro represente o sentimento de angústia. E como apresentá-lo?”. Neste diálogo vi a história pelos olhos dela.

Para começar a compor minha produção, recolho todos os olhares e as falas. Trago a cor preta na mesma intensidade, mas com nuances, ao desenhar flores, folhagens e letras caligrafadas a tinta nanquim sobre papel de gramatura alta que trouxe o toque corpóreo.

Apresento o processo de produção, alguns cartões postais e os elementos que compuseram as cartas enviadas.



Estudos de cartões postais no Sketbook

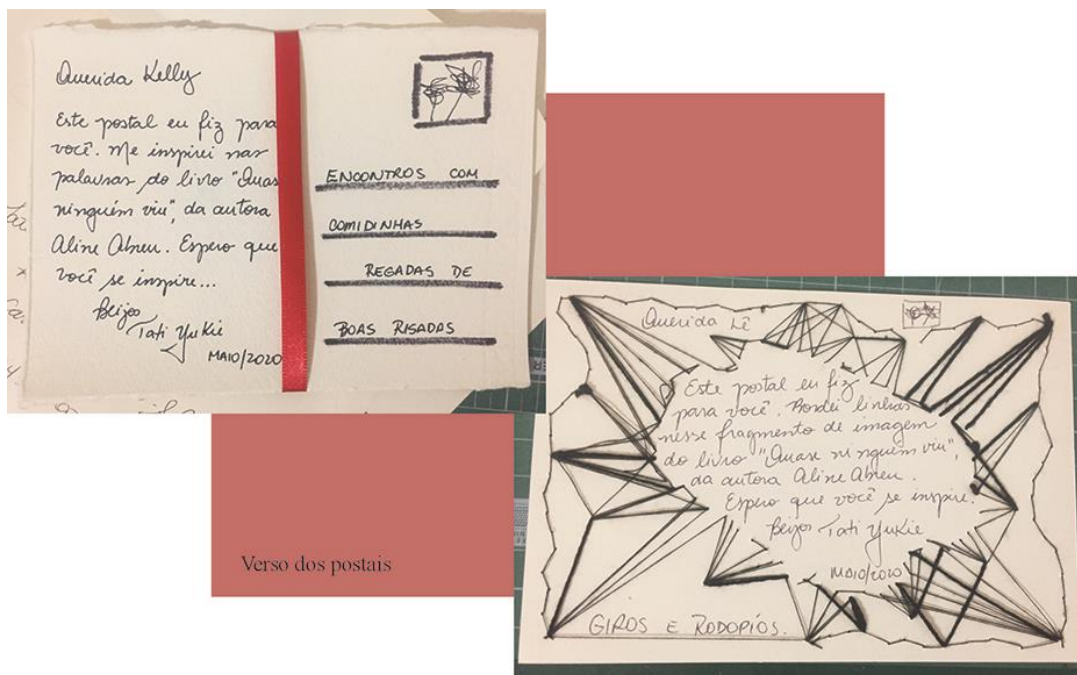


Produção: técnica de nanquim e caneta esferográfica



Produção: bordado sobre impressão





Verso dos postais



Elementos que compuseram cada carta

As correspondências foram enviadas, fiquei na espera para que todas chegassem ao seu destino. Os dias passaram. Uma a uma se aconchegaram em seu novo lar. Fiz um pedido especial para as destinatárias: solicitei uma fotografia das cartas em sua atual morada. Assim as fizeram e as primeiras mensagens brotaram.



SIMONE E TEO



YASMIN



LIGIA



Vilma



ADÍLIA



TATIANE



LAIZA



Juliana



Andréa

Algumas cartas se aconchegaram no colo, outras em meio a natureza, sobre a mesa da cozinha ou do escritório.

Nem todas as cartas chegaram prontamente. Por fim, cada palavra, ilustração e escrita foi sentida, observada e contemplada.

Passou um tanto de tempo. Agora chegou a minha vez de receber as respostas. Ansiosamente esperei por cada uma delas. No meio do caminho havia pedras. Os imprevistos aconteceram. Além da quarentena, houve a paralisação das agências dos correios e a chegada foi um tanto demorada.

As respostas foram chegando ao seu tempo e de diversas maneiras. Ouvi leitura por áudio, vi fotografias em preto e branco, coloridas, li palavras por e-mails e por mensagens e recebi a tradicional carta entregue pelo carteiro.

TERCEIRAS CARTAS. CARTAS sobre os LIVROS como OBJETO.

Com as cartas em mãos, chegou o momento da criação. Nas terceiras cartas, retorno ao pensamento motivador para essa pesquisa, a produção de um livro-objeto. Mil ideias e planos preenchem minha cabeça, são tantas cartas, memórias, vidas, acontecimentos e afetos. Por onde iniciar o projeto? E como levar um pedaço de cada história contada pelas mulheres? Suscito as palavras da artista gráfica Raquel Matsushita (2011, p. 24-25),

o processo criativo não é uma coisa de gênio, é um processo. [...] Para qualquer processo criativo, seja o desenvolvimento de um texto ou de um logotipo, as ideias – boas ou ruins – devem fluir naturalmente, sem bloqueios. [...] Não reprimir ideias no momento da criação, seja em um trabalho individual ou em equipe, é essencial para o processo criativo.

Retomo as pesquisas com outros olhares, olhares mais atentos. Encontro caminhos de rios, de raízes, matrizes, pegadas. Busco referências para minha inspiração e processo de criação.

Carta 1: Livros... Livro-objeto. Livro de artista. Livro ilustrado

Todo livro é um objeto.
Odilon Moraes

O livro é um objeto que muitas vezes habita nossos lares ou espaços em que frequentamos, como a escola. Desde cedo, uma criança deve ter contato com este objeto. Todavia, sabemos que muitas são privadas desta convivência, deixando de ampliar o repertório de um mundo imagético da imaginação. Um livro pode levar o leitor para onde ele desejar.

Mas afinal, o que é um livro?

O poeta, artista, editor e crítico de arte mexicano Ulises Carrión (2011, p. 05) define, “um livro é uma sequência de espaços. Cada um desses espaços é percebido em um momento diferente – um livro também é uma sequência de momentos”.

Se um livro é uma sequência de momentos, ele pode guardar memórias de um tempo, reviver lembranças de cheiros, toques, sabores. O livro é sinestésico. O artista, escritor e gravador espanhol Julio Plaza (1982) escreve,

o fazer-construir-processar-transformar e criar livros implica em determinar relações com outros códigos e sobretudo apela para uma leitura sinestésica com o leitor: desta forma, livros não são mais lidos, mas cheirados, tocados, vistos, jogados e também destruídos. O peso, o tamanho e seu desdobramento espacial-escultural são levados em conta: o livro dialoga com outros códigos.

O escritor e ilustrador Odilon Moraes (2013, p. 159) traz para a roda de conversa os primórdios deste objeto, afirmando: “livro é o suporte da escrita, ‘ou melhor, suporte de registro de uma cultura, visual ou escrita’”. Ainda, “todo livro é um objeto”. Ao pensarmos o livro como objeto, por que utilizar o termo livro-objeto? Qual é o significado ou quais são as características de um livro-objeto? Por definição, livros-objeto “são denominados com cortes especiais de papel, facas ou formatos diferentes que necessitem muitas vezes de um cuidado quase artesanal em sua produção” (MORAES, 2013, p. 164). Também, no “livro-objeto, pode predominar o uso de materiais outros que não o papel, como o metal ou mesmo uma problemática espacial que faz com que o livro se sature na escultura” (PLAZA, 1982). Se pensarmos o significado dado por Julio Plaza, o livro-objeto está próximo à obra de arte.

Na mesma linha, o professor pesquisador Paulo Silveira (2013), conceitualmente reavalia o uso da nomenclatura,

especificamente para a arte, o livro-objeto é uma solução inteiramente plástica ou uma solução gráfica funcionalizada plasticamente. Ou ainda, o transvestir de um livro em uma unidade com valores escultóricos. Nele, o apelo da forma, da textura e da cor é eloquente e o principal determinante do processo criativo. O livro-objeto é uma obra de origem moderna, com desenvolvimento e maturação nas vanguardas na primeira metade do século XX (experimentos tipográficos sobre suportes inesperados, trabalhos futuristas de lata e elaborações surrealistas, principalmente, incluindo o uso da encadernação como uma forma de arte e formas tridimensionais herdeiras ou paralelas ao poema-objeto). [...] É historicamente anterior ao livro de artista, considerado simultaneamente semente e fruto da arte contemporânea. [...] Sob certas acepções, o livro-objeto está contido no livro de artista. (SILVEIRA, 2013, p. 20-21)

A distinção entre os termos livro-objeto e livro de artista são linhas tênues, recorro novamente as palavras de Plaza (1982) onde escreve, o “livro de artista é criado como um objeto de design, visto que o autor se preocupa tanto com o “conteúdo” quanto com a forma e faz desta uma forma-significante”.

Se pensarmos no conceito de Plaza, podemos imaginar o livro ilustrado em sinergia ao livro de artista, no momento em que alguns autores estudam a obra por completo, desde a palavra, ilustração, design, até mesmo as possibilidades de leitura e funcionalidade. Estes são autores preocupados e engajados para a produção completa de uma obra. Ao entender o processo e todos os elementos que contribuem para a leitura, o fazedor de livro-objeto e escritor de livros ilustrados, podem promover uma experiência diferenciada ao leitor. Atualmente percebo esta preocupação, mas entendo que ainda é uma prática que está caminhando.

Na sua dissertação de Mestrado em Literatura e Crítica Literária, Aline Abreu (2013) traz a sua interpretação para esta relação da palavra, imagem e design nos livros ilustrados para a infância.

Livros ilustrados contam histórias. Sua natureza é narrativa. Por vezes, quem conta é a palavra, em outros momentos a imagem assume a narrativa, o projeto gráfico pode assumir a narração, na inserção de uma página branca, por exemplo. Pensar o projeto gráfico como elemento do sistema, diretamente associado às relações palavra-imagem, pode representar uma mudança significativa para a análise de livros ilustrados, na medida em que se pressupõe ser o design do livro tão parte do texto quanto o são palavras e imagens, ou seja, o projeto gráfico como parte da narrativa principal, e não como contexto para uma narrativa principal composta exclusivamente por relações palavra-imagem. (ABREU, 2013, p. 76)

Acreditando nisso, sabemos, o design - o projeto gráfico de um livro é tão protagonista quanto a imagem e a palavra, compondo assim o hibridismo na narrativa.

Completo a reflexão citando Carrión (2011, p. 15), em que o autor reforça a ideia da nova forma de escrever e produzir livros: “na nova arte o escritor assume a responsabilidade pelo processo inteiro.” Contrariando assim a velha maneira, na qual o escritor unicamente escreve o texto e deixa a cargo de outros profissionais a feitura e finalização da obra. Conclui, “na nova arte o escritor faz livros”.

Carta 2: Tudo no mundo existe para tornar-se livro

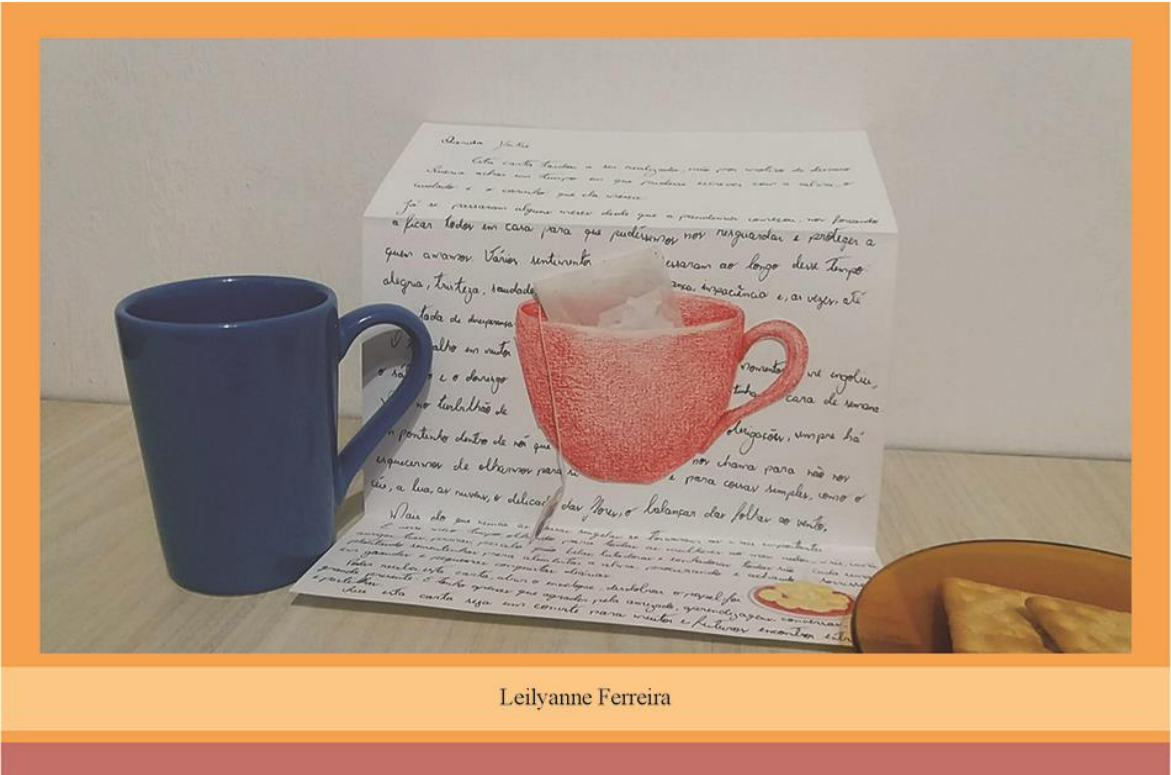
O poeta e crítico literário francês Stéphane Mallarmé em sua famosa frase “Tudo no mundo existe para tornar-se livro” expõe a possibilidade de tudo que é existente, pode vir a ser um livro. Refletindo, na palavra “tudo” me questiono como produzir um livro, aliás um livro-objeto, meu objetivo primeiro para esta pesquisa. Recolho “tudo” que tenho, as cartas recebidas e enviadas, meu conhecimento, minhas vontades, junto tudo. Muitas vezes, começaram a ecoar.

Neste momento é essencial voltar meu olhar para a produção delas, das mulheres que compartilharam seus olhares.

Uma diversidade de imagens e palavras brilharam no ar. As interpretações e interações com o objeto aconteceram, surgiram perninhas de sapo; cata-ventos ocupando lares; flores encontraram-se com doces e tintas; cabelos viraram tramas; folhas secas ganharam linhas; olhares cuidaram do vento; braços e abraços se cruzaram; neto ganhou poesia de vó e um terceiro olho se encorajou; pés de amizades viajaram; postal digital lembrou, “estar junto não é físico”; menina floresceu, agora é mulher; no ritual da carta o som do papel revive; a década de 90 na memória de uma adolescência; leitura de sonhos de longa data, com rugas, barda e cabelos brancos; olhos atentos de jabuticaba com mordidas e beijos babados no sapinho que salta; desafio de retornar a fazer arte; o mar se tornou silêncio; resposta-fé em forma de carta-livro; o corpo parou, no pensamento e na fala; bordados na bolsa onde carregamos nosso lar; sachê de chá de palavras de afeto.

Poesia em imagem e palavra

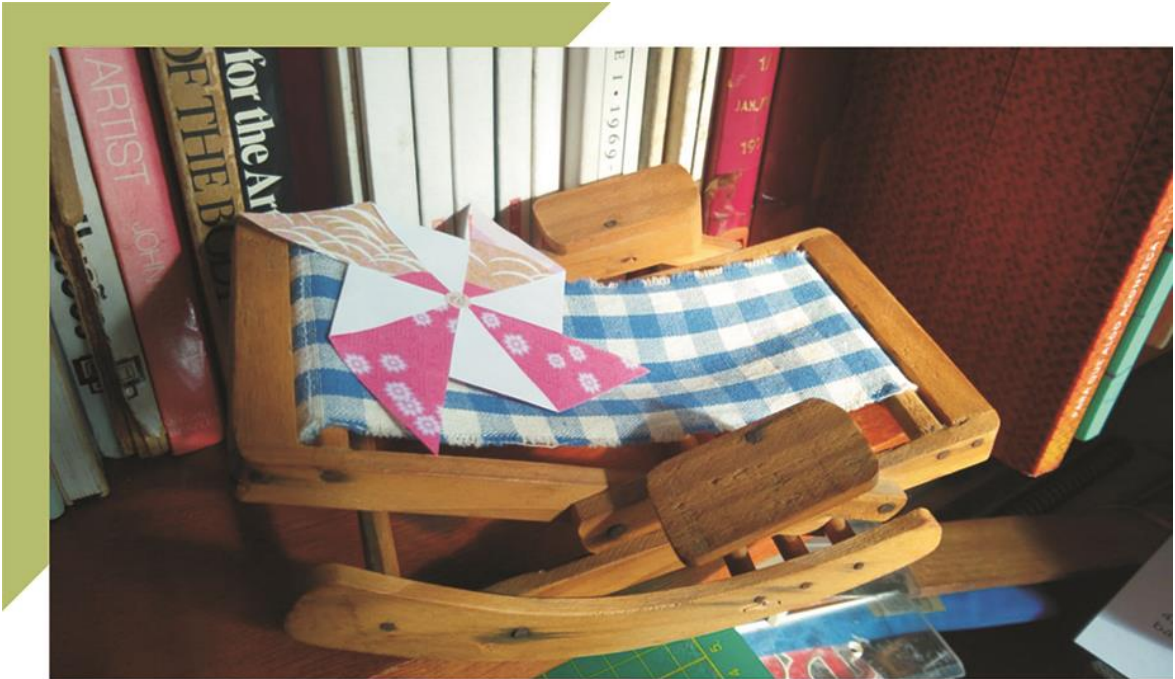




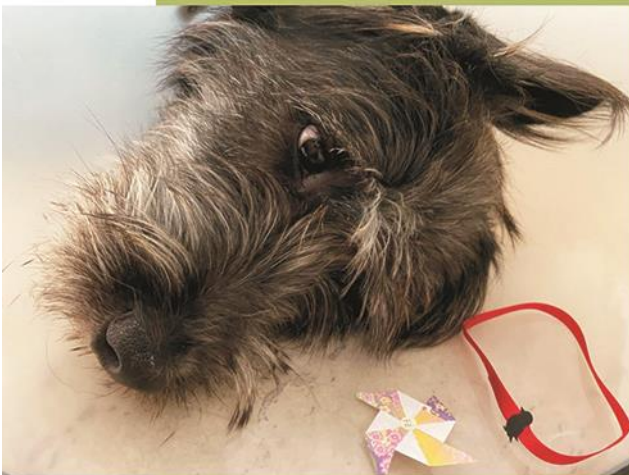
Leilyanne Ferreira



Simone Moraes



Cláudia Malaco



Jaqueline Ortiz



Elenice Fernandes



Renata Felinto

“No mesmo instante os reconheceu, eram os seus sonhos de longa data, com rugas, barba e cabelos brancos. O tempo também passa para os sonhos, pensou. E que bom será se a memória deles estiver preservada. Exatamente neste momento, eles começaram a rir e ela logo percebeu que eles compreendiam a sua linguagem, um alívio para ela que muitas vezes se sentia uma estrangeira na própria terra, uma flor no deserto, um pássaro distante de seu bando, sempre olhando para o lado que ninguém estava enxergando, sempre ouvindo uma voz que lhe confiava a direção e o caminho, mas nunca o destino. A isso, ela chamava de fé, temendo que aos outros parecesse loucura, ela sabia ouvir seu coração e aprendera que o segredo da felicidade era entender que a felicidade passa e que ela teria que buscar de novo, em certos momentos, adiar esta busca, como alguém que acorda cedo para colher água no poço, mas sabe que no dia de chuva só vai encontrar lamaceiro e terá que esperar com sede.

Ficou pensando em todas essas coisas e os sonhos ali, escutando pacientemente, ciente de sua única missão naquele momento, meio sem acreditar no que estava vivendo, lembrou-se que com o passar dos anos seus sonhos mais íntimos foram mudando, nada mais natural que não tivessem o rosto da juventude, num gesto de consentimento, ajustou uma pequena bagagem nas costas e seguiu ao lado deles, ainda não sabia um final do trajeto, mas era preciso se manter em movimento.” S. Paulo 25/06/2020

Kelly Soares - Transcrição do texto lido

Carta 3: A ideia de um Livro-objeto

Rascunho palavras e rabisco linhas sobre o papel branco. Me arrisco e começo a experimentar. Como o pequenino personagem de *Quase Ninguém viu*, no qual **dos treinos de pulos e voos, aproveitou a coragem**.

Corajosa, novamente me vejo na pesquisa do processo de criar. Agora, pensando na produção de um livro-objeto junto com as ideias e pensamentos das muitas mulheres que me enviaram suas cartas-respostas. Nelas, observo a personalidade e singularidade de cada uma. Relembro-me de *Quase ninguém viu*, suas conversas sobre as diferenças, os afetos, os encontros e a busca da identidade do personagem. Assim, sinto a necessidade de retomar à leitura do livro, leio com outros olhos, com novas camadas e referências que me levam na busca criativa.

Neste momento, nas entrelinhas das palavras, meu mundo se abre para a presença e a ausência das famílias, o isolamento social marca meu corpo e faz meu coração palpitar. A dor da distância é **um pedaço de sombra que cresceu feito um buraco sem fundo**. A alegria do reencontro certamente será subcutânea, vai penetrar, entranhar sob a pele, são sete meses sem sentir o calor de um abraço, enquanto esperamos com calma e paciência a cura deste mal. Na espera desta alegria sem tamanho, a vida não para. A vida não para. Enquanto o tempo acelera e pede pressa, eu me recuso faço hora vou na valsa²⁸.

Continuo a olhar para o livro de Aline Abreu, as linhas soltas e sincronicamente precisas sempre me prendem. O gestual leva meus olhos a caminhar pelo espaço dando ritmo e movimento à cada página virada. A sequência visual e narrativa, são coreografadas no compasso da camada espessa do Pantone²⁹ e de suas formas.

Revejo meu percurso neste processo. Me disponho a uma proposição de experiência de Paulo Silveira (2016)

Feche os olhos e imagine um livro.

O livro imaginado é provavelmente o esperado: capa, páginas brancas como texto em preto e uma boa lombada. Possivelmente você o imagine aberto.

²⁸ Trecho da música Paciência, composta por FALCÃO e PIMENTEL, 1999.

²⁹ Escala de cores especiais. De uso internacional, a escala Pantone é uma referência na mistura física dos pigmentos e a mais utilizada na indústria gráfica. MATSUSHITA, 2011, p 201

E se a primeira página desse livro fosse a última, com ele começando pelo fim? Uma página, digamos, -320? E depois uma -319, -318 e assim por diante? Isso pode ser considerado uma violação tanto das práticas do bom senso (ou do consenso) como das normas escritas. (SILVEIRA, 2016, p. 14)

Quero violar, estou pronta para experimentar, imaginar e buscar minha poética. Paulo Silveira continua a me provocar “o prazer da leitura é, para muitos, uma emoção que não consegue libertar-se do prazer de sentir o papel na mão ou o seu cheiro”. Na produção deste livro-objeto pretendo dar este sentido do prazer, sentir e tocar com os olhos, viajar por entre as linhas, cores e formas. Degustar cada palavra, ouvir os vazios, tatear os veios da materialidade e respirar o tempo das páginas. Ainda tocada por Silveira (2016) cito o seu lento saborear pelo objeto, livro.

Gosto de observar as ilustrações, de perceber a trama das retículas de impressão, de encontrar um desajuste nas cores: descobrir o magenta e o amarelo por detrás do vermelho. Gosto de contar os seus cadernos, ver como são costurados e quantas páginas há em cada um. E gosto de suas marcas de tempo: as páginas amareladas, manchas de uso, anotações nas margens, os nomes em esferográfica de seus donos. Tudo evidenciando que um livro é um objeto. Ele não é a obra literária. A obra literária é de escritores, pesquisadores, publicadores. O livro é de artistas, artesãos, editores. É de conformadores. (SILVEIRA, 2016, p. 14)

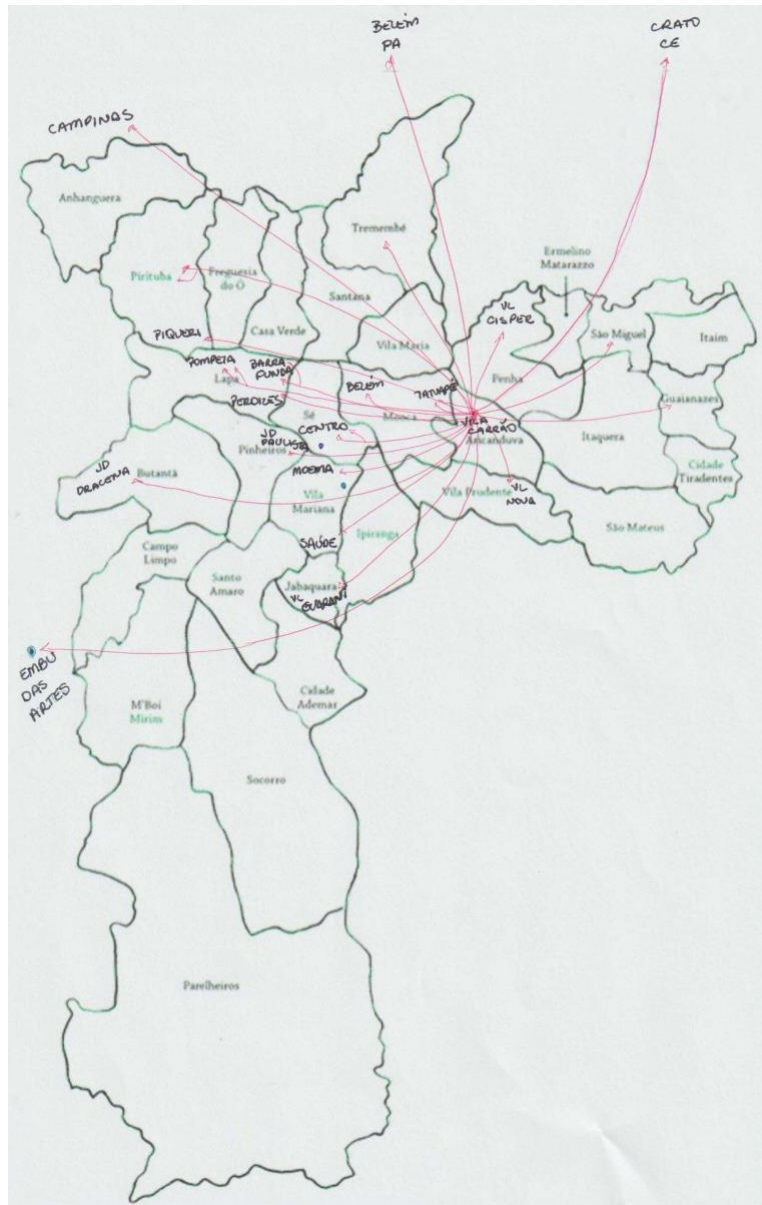
Ainda, acrescento à citação de Silveira, “o livro é de artistas, artesãos, editores” e de leitores. E como conformadora, começo a dar forma ao objeto.

Carta 4: Em quase todo lugar

A rasura, o rastro que o artista deixa das tomadas de decisão, nos é dada nos rascunhos em sua feminilidade e consequente fecundidade: engendrando novas formas.
Cecília Salles

De leste a oeste, de norte a sul. As cartas ganharam caminhos diversos pelos bairros de São Paulo. Percorrem por quase todo lugar, além de viajar para o norte e nordeste deste país, até retornarem à minha morada.

Em um mapa impresso, risquei estes destinos, as linhas se cruzaram, deixando rastros, rabiscando o desenho.



No experimento do traçar, a forma se revelou, como se fosse por acaso. O ato de criar caminha junto aos estudos e as pesquisas, mas também está conectado a afetividade e a memória. A artista plástica, professora e crítica da arte Fayga Ostrower (2013) nos lembra “por serem de caráter afetivo e ligados à memória, e essencialmente abstratos, os acasos podem ser transpostos de qualquer incidente para qualquer linguagem, [...] os acasos vêm identificar-se com os próprios momentos de inspiração” (OSTROWER, 2013, p. 31).

Foram nestes momentos de inspiração em que vi nos diários de viagem e nos mapas a possibilidade de viajar pelas palavras de afeto recebidas.

Experimento: Diários de viagem

Os diários de viagem são as primeiras hipóteses de experimentos. Produzo dois cadernos envelopes que poderiam abrigar as correspondências recebidas, aproveito e brinco com os selos e carimbos de cartas originais. Porém, nestas formas ainda não vejo a concretude do projeto. Tenho ânsia de outras construções.



Experimento: Ramificações da amizade

Levando em consideração o experimento do Diário de viagem, a forma do envelope me inquietou, encontrei para ele, novas formas, textura e materialidade.



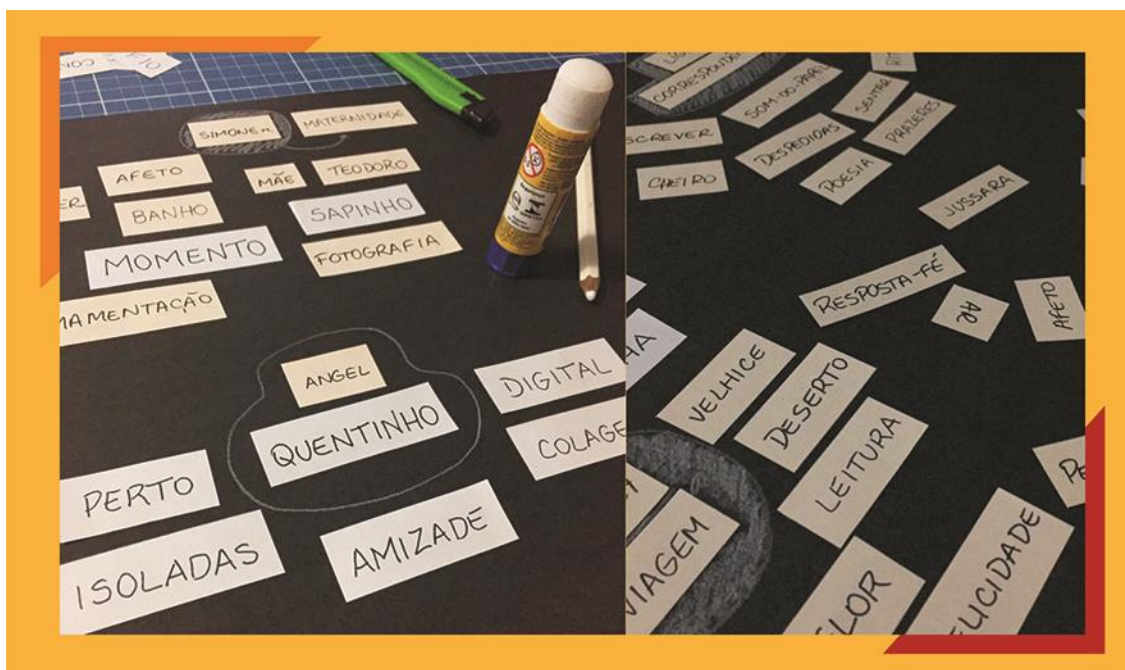
Para seu interior, borro manchas pretas de nanquim sobre o papel *canson* e bordo de vermelho, cor que carrega o magenta e o amarelo, o caminho que corre as ramificações da amizade, o trajeto das moradas de cada carta-resposta, num pedaço de lã. Fio, cordão umbilical em que levará o oxigênio e nutrientes que alimentaram o rastro das rasuras sobre o papel.

Ainda sinto falta de elementos que criem laços afetivos com as cartas-respostas, insatisfeita vou percebendo similaridades entre elas, aproximações surgem. Organizo um painel, escrevo as palavras que se revelam de cada correspondência. Nesta lacuna,

a percepção é a ação do olhar responsável pela construção das imagens geradoras de descobertas ou de transformações poéticas. Em seu processo de apreensão do mundo, o artista estabelece conexões novas e originais, relacionadas a seu grande projeto poético. (SALLES, 2004, p. 104)

Neste momento de criação, apreendo as palavras-afeto que transformam a inquietação em conexões possíveis para o enlace do projeto poético.

Painel de palavras-afeto

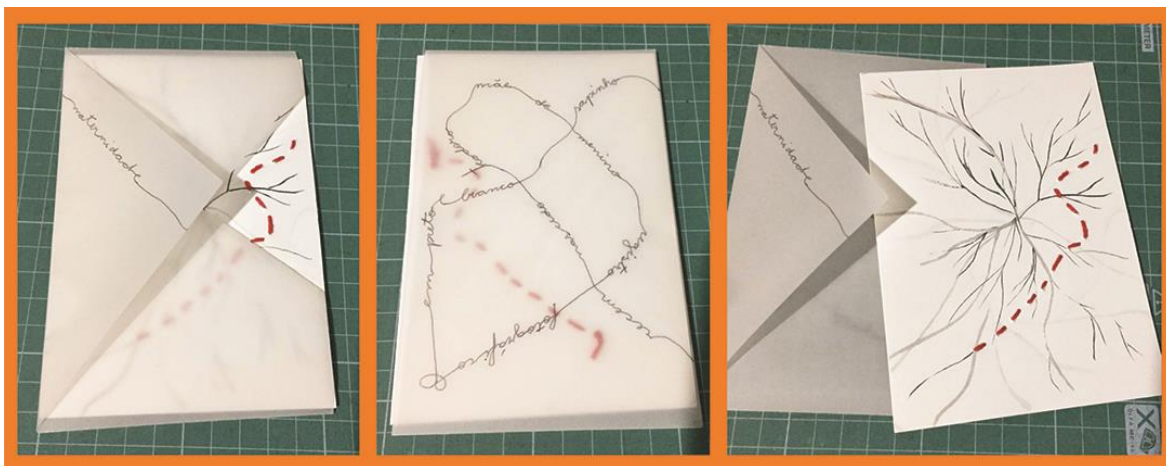


Desenlace

Coletadas as palavras-afeto, revejo o percurso dos experimentos, me desfajo de alguns e mantenho outros. A linguista Cecília Salles (2004) escreve acerca do movimento criador no processo da construção da obra,

hipóteses de naturezas diversas são levantadas e vão sendo postas à prova. São feitas seleções e opções que geram alterações e que, por sua vez, concretizam-se em novas formas. É nesse momento de testagem que novas realidades são configuradas, excluindo outras. E, assim, dá-se a metamorfose: o movimento criador. Tudo é mutável, mas nem sempre é mudado. (SALLES, 2004, p. 142)

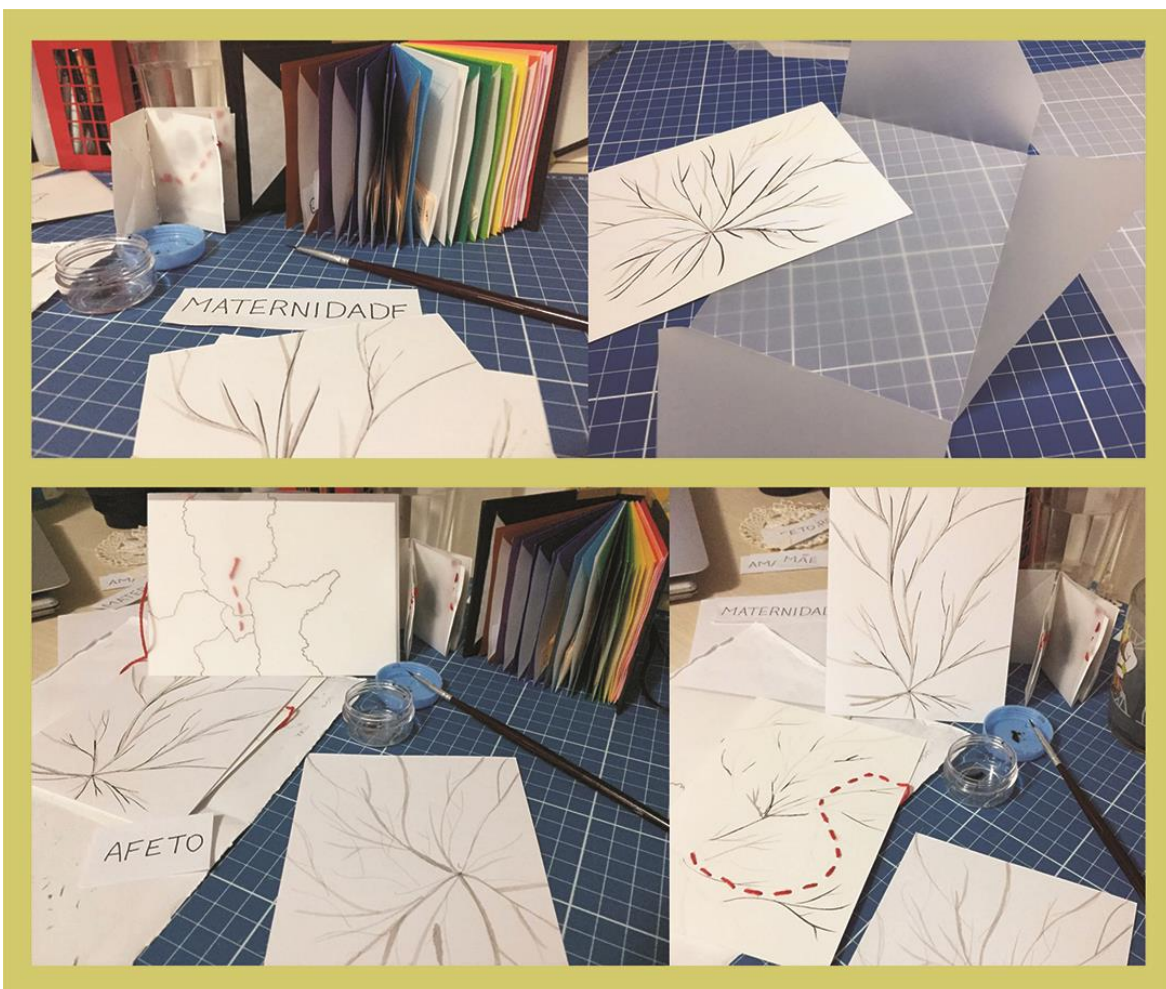
Metamorfoseando, encontro nos veios dos rios caminhos possíveis de se navegar com as linhas, mas são nas ramificações das árvores que elas se transformam, me levando a brincar mais uma vez com a tinta nanquim e explorar a matéria do papel translúcido.



Retalhos de uma Produção – Eu e elas | De cá pra lá

No silêncio que a rasura guarda, o artista aprende a dizer aquilo que resiste a se materializar, ou a dizer de novo aquilo que não lhe agradou. [...] O artista lida com sua obra em estado de permanente inacabamento.

Cecília Salles



CARTA EPÍLOGO

Paciência. Meu corpo pediu um pouco de calma, em meio à loucura da espera da cura do mal, em que a loucura fingiu tudo ser normal. Fingi ter paciência.

A música que se tornou a epígrafe desta pesquisa me acompanhou durante o processo de escrita. Escutar a composição de Lenine e Carlos Falcão foi um mantra, um acalento. A quarentena fez com que as pessoas buscassem seus refúgios, para mim, assim como para muitas, a arte foi e está sendo o respiro. Os shows, as exposições de arte e as peças teatrais ganharam novos formatos, na tela plana. No início, só assim a multidão se aglomerou.

Após meses em isolamento social, pouco a pouco vestindo suas máscaras, as pessoas voltam a se reencontrar. Os encontros seriam inevitáveis. Somos seres sociáveis que necessitam da presença do outro, de uma boa prosa, do olho no olho, de abraços calorosos. Necessitamos de afetos. Ao pensar este Trabalho de Conclusão de Curso, me perguntei “podemos refletir o cotidiano por meio de uma história?”. Para responder esta pergunta, me deparei com outras “Afim, o que são os afetos? Nasceram conosco ou são construídos por nós? E mais: somos nós apenas um “barulhinho de nada” e sombras esquecidas? Se sim, de onde viemos? A quem pertencemos? Retornaremos?” A detentora destas indagações é a escritora Marilda Castanha, quando escreve a respeito do livro *Quase ninguém viu*, de Aline Abreu.

Sem respostas concretas, a meu ver as reflexões condizem a nossa essência e vivências atuais, nos contextos político, social, educacional, cultural e afetivo, somos um **barulhinho de nada**. Contudo, somos corpos sensíveis, pensantes e dinâmicos, seres orgânicos com potências de transformação.

Vários aspectos chamaram o meu olhar e o querer pesquisar *Quase ninguém viu*. Uma artista plástica e escritora mulher, contemporânea e brasileira de literatura para a infância, cujas ilustrações possuem elementos estéticos plásticos; em que a leitura sensibilize infâncias de todas as idades; o processo criativo acolha o livro-objeto, unindo arte, design, ilustração e palavra, por fim, a narrativa apresentasse relação com o momento presente de encontros, reencontros, abraços distantes, famílias, o desacelerar da vida, parar para apreciar, ver e olhar pequenas coisas escondidas.

Por meio da história de um livro, pude refletir o meu cotidiano e o que acontece ao meu redor. *Quase ninguém viu* revela as mudanças que podem vir por uma inquietação. Impulsionado, o pequeno personagem enfrenta seus sentimentos e revigora-se com a

companhia de suas famílias pela busca da felicidade. O livro abarca leituras abertas, aquece e ao mesmo tempo incomoda, a feliz escrita da autora nos deixa livre para muitas reflexões, com olhos atentos, na busca por algo que quase ninguém viu, seguimos olhando juntas. Na esperança de uma sociedade diversa, com divergência de opiniões, mas sim com respeito à conversa.

Mais um respiro.

Inspirada e encorajada pela autora, convido mulheres-amigas do meu convívio, a respirar e exprimir seus sentimentos, a contar suas histórias neste momento de distanciamento social. O simples ato de enviar uma correspondência resgatou memórias, aproximando e conectando os caminhos que percorremos. As palavras, as imagens contribuíram para aquecer os corações. Nos fortalecemos em redes familiares. As cartas foram os primeiros processos de aproximação, de escutas, de desabafos coletivos.

A identidade e a singularidade de cada mulher estruturaram o planejamento do livro-objeto. Cada olhar provocado me apresentou pensamentos únicos de suas situações de desassossego ou aconchego. Nos deslocamentos.

Dançamos e tecemos palavras e imagens num processo coletivo. A experiência criativa percorreu novos caminhos, influenciou a Adília a convidar as mulheres do curso para revelarem suas pedrinhas preciosas vividas n'A Casa Tombada, inspirou a Laiza a escrever cartas para seus educandos, a carta-resposta da Vilma se concretizou em um livro digital. Ainda, o experimentar se desdobrou em um coletivo³⁰ de apoio para as escritas adormecidas dos TCCs.

Concluo esta pesquisa-relato com uma certeza, os vínculos de amizade são o sopro necessário para esperarmos com “Paciência” este momento tenebroso passar. Além disso, esperamos por dias melhores, em que valores éticos possam ser exercidos. Ser mulher em um país doente, machista, patriarcal requer a união e, principalmente, as vozes das mulheres são urgentes. Se precisarmos gritar, que gritemos juntas para a longa caminhada da plena felicidade de uma sociedade igualitária, justa e feminista.

³⁰ Algumas mulheres sentiram a necessidade de encontros semanais para falarem das tarefas diárias e o quão difícil é o processo de escrita neste momento de quarentena, em que filhos, pais e companheiros estão também, em trabalho remoto em suas moradas. Deste modo nasceu o SAMU-TCC, nome carinhosamente apelidado ao grupo de apoio coletivo, as conversas semanais animaram as protagonistas a repensarem suas pesquisas e escrever suas histórias.

Encerro com duas palavras compartilhadas em aula pela professora Luiza Christov³¹, que insistem em pulsar em meu pensamento, meu corpo e alma: **afetada e comovida**. Deste modo me sinto ao dar as últimas pinceladas neste processo criativo inacabado.

³¹ Doutora em educação, pesquisadora e formadora de educadores e ensino das artes. As palavras constante eram citadas nos encontros da disciplina Metodologia da Pesquisa, ministrada na Casa Tombada.

FONTES DE PESQUISA

ABREU, Aline. **Quase ninguém viu**. São Paulo: Jujuba, 2019.

_____. **Conversa virtual: Aline Abreu**. São Paulo: 08 de setembro de 2020.

_____. **O Texto Potencial no sistema ecológico do livro ilustrado infantil: palavra-imagem-design**. Dissertação de Mestrado em Literatura e Crítica Literária, São Paulo: PUC, 2013.

CARRIÓN, Ulises. **A nova arte de fazer livros**. Trad. Amir Brito Cadôr. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana** danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 6ª edição.

MATSUSHITA, Raquel. **Fundamentos gráficos para um design consciente**. São Paulo: Musa, 2011.

MORAES, Odilon. **O livro com objeto e a literatura infantil**. In: DERDIK, Edith. Entre ser um e ser mil. O objeto livro e suas possibilidades. São Paulo: Senac, 2013, p. 159-165.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: Annablume, 2004, 3ª edição

SILVEIRA, Paulo. **A definição do livro-objeto**. In: DERDIK, Edith. Entre ser um e ser mil. O objeto livro e suas possibilidades. São Paulo: Senac, 2013, p. 19-32.

_____. **A página violada** [livro eletrônico]: da ternura à injúria na construção do livro de artista. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

PLAZA, Julio. **O livro como forma de arte (I)**. In: Revista Arte em São Paulo, São Paulo, nº 6, abril, 1982. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/o_livro_como_forma_de_artei.pdf f. Acesso em 22.ago.2020.

Referências consultadas

ABREU, Aline. **Mulheres caminham juntas**. Mulheres vão mudar o mundo. O mundo pode mudar com pequenos gestos de muitas mulheres. 8 de março de 2020. @alineabreu.arte, São Paulo, 08.mar.2020.

ARANTES, Paulo Correa. **Kairós e Chronos**: origem, significado e uso. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/paulo.pdf. Acesso em 12.jul.2020

FELTRE, Camila. **Experiências com livros que exploram a sua materialidade**: mediações e leituras possíveis. Dissertação de Mestrado em Artes, linha de pesquisa: Processos Artísticos, Experiências Educacionais e Mediação Cultural, São Paulo: IA-UNESP, 2015.

GALVÃO, Pedro. **Vencedores de concursos de literatura revelam origem de pseudônimos**. Publicado em: 15/11/2016. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2016/11/15/noticias-artes-e-livros,197413/vencedores-de-concursos-de-literatura-revelam-origem-de-pseudonimos.shtml>>. Acesso em 29.set.2020

HOJE em dia. **Divulgados nomes dos vencedores do Concurso Nacional de Literatura**. Publicado em: 08/11/2016. Disponível em: <<https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/divulgados-nomes-dos-vencedores-do-concurso-nacional-de-literatura-1.425886>>. Acesso em 29.set.2020

REIS, Bia. **Você conhece o prêmio João de Barro?** Publicado em: 29/12/2016. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/estante-de-letrinhas/voce-conhece-o-premio-joao-de-barro/>>. Acesso em 29.set.2020

ROGERIO, Cristiane. Entrevista: **Ler imagens pra quê?** 14.fev.2017. in: Pós-Graduação O Livro para a infância: Textos, imagens e materialidades. 38 min. Disponível em: <<https://soundcloud.com/user-339605954/podcast3-leitura-de-imagens-para-que>>. Acesso em 12.jul.2020.

APÊNDICES

ÚLTIMA CARTA. CARTA sobre a EXPERIÊNCIA.

Nesta carta, relato o encerramento desta caminhada. Foram tantos dias de conversas, escutas, estudos, fazeres, experimentos e planejamento.

Entre um pulo e outro, o livro-objeto nasceu. E foi batizado com nome e sobrenome “**Eu e Elas – DE CÁ PRA LÁ**”. Comemoraram a surpresa da chegada.

Agora, ele espera voar.

.....

Carta final: Foi uma felicidade sem tamanho

É chegado o dia da festa. Foi pelo aplicativo de reuniões de videochamadas que aconteceu toda o festejo para a apresentação do livro-objeto “**Eu e Elas – DE CÁ PRA LÁ**”. O convite anunciava:



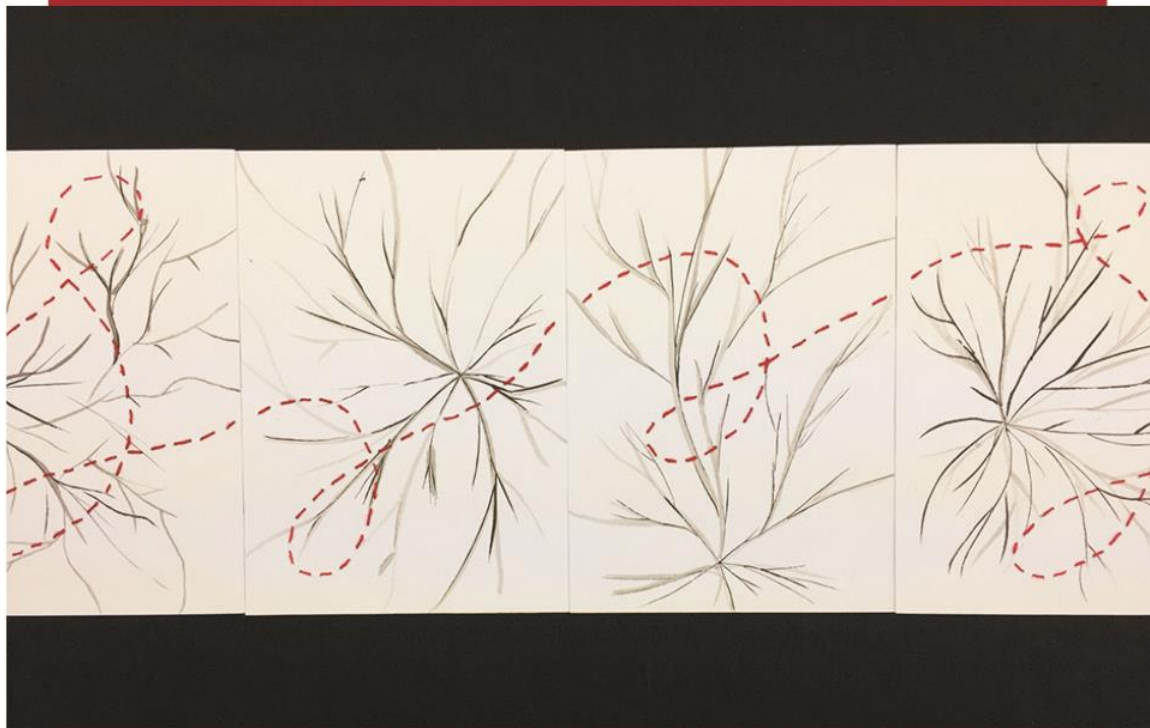
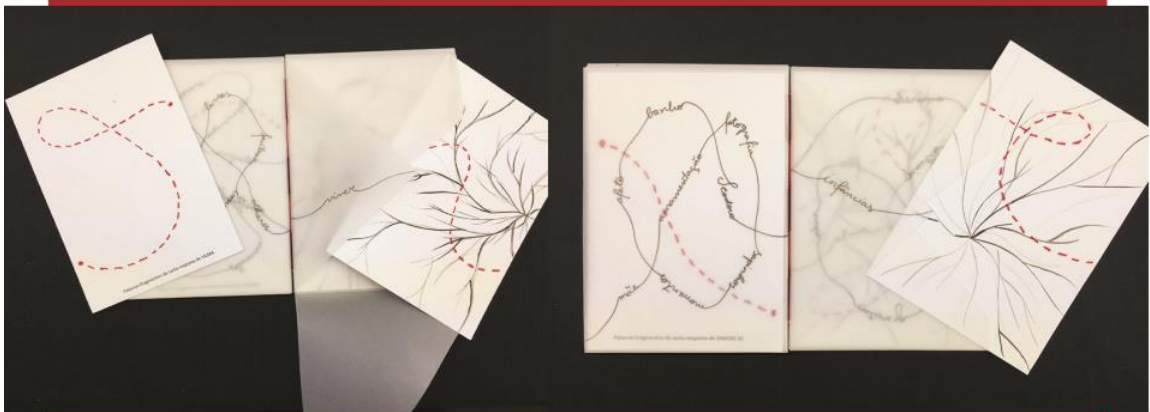
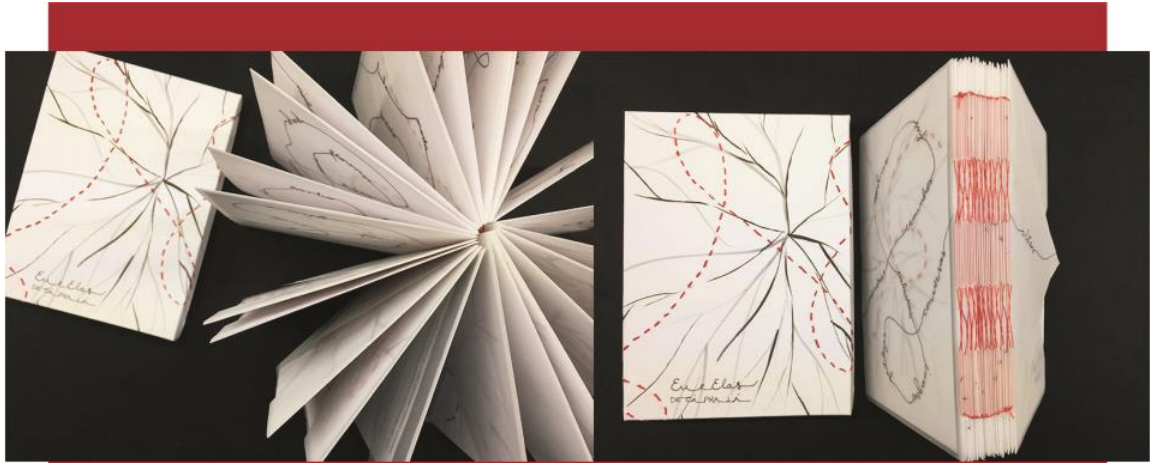
O dia 25 de janeiro é uma data marcada por um feriado na cidade de São Paulo, comemoramos os seus 467 anos. Na minha casa, esta data sempre foi especial, é o dia do nascimento da minha avó Iolanda, uma mulher sorridente, acolhedora e dedicada à família. Ela me ensinou a olhar com respeito para todas as pessoas. Neste dia, a festa sempre foi dela, e hoje ela foi minha.

Meus convidados foram chegando e a sala virtual estava bonita. Camila Feltre minha orientadora, apresentou as leitoras da minha produção, a fazedora de livros Liliana Pardini e a jornalista Cristiane Rogerio, ainda, tive o privilégio da presença ilustre da autora Aline Abreu e de muitos amigos. Esquentou meu coração ver tantos rostos conhecidos naquela tela, distantes, contudo, juntos.



Iniciamos a conversa. Apresentei a minha trajetória do processo de concepção e criação do livro-objeto. E agora, apresento a versão final deste projeto acabado.





O conjunto é composto por um livro de encadernação exposta e uma caixa que envolve o objeto. São vinte postais em resposta às cartas recebidas. Cada página translúcida lembra o formato de um envelope, elas apresentam as escritas a nanquim retiradas do painel de palavras-afeto. No seu interior há um postal pintado a nanquim, no qual se percebe um ponto central, estes simbolizam a localidade das moradas de cada uma das mulheres que receberam as cartas-afeto. E por fim, a linha vermelha tracejada e bordada, conecta o conjunto de postais e ao serem dispostos lado a lado, torna o bordado contínuo, fortalecendo a relação afetiva entre nós³².

Foi assim, o nascimento deste projeto colaborativo com minhas amigas-mulheres.

Uma felicidade sem tamanho.

Amigas-mulheres

✉ **d'A Casa Tombada:** Andreia Loureiro, Adília Cristófaró, Bárbara Dias, Cláudia Malaco, Daiane Monteiro, Dayane Mari, Jaqueline Ortiz, Jussara Lima, Laizane de Oliveira, Ligia Pin, Miquelina Veiga, Tamiris Maróstica, Teresa Mari - filha da Day, Vilma Ribeiro

✉ **de segredos:** Angélica Angelo, Flávia Violim, Elenice Fernandes, Íris Abreu, Kelly Soares, Leilyanne Ferreira, Michele Martins, Simone Moraes, Simone Venâncio, Suzana Cardoso, Tatiane Mendes, Yasmin Gasparini

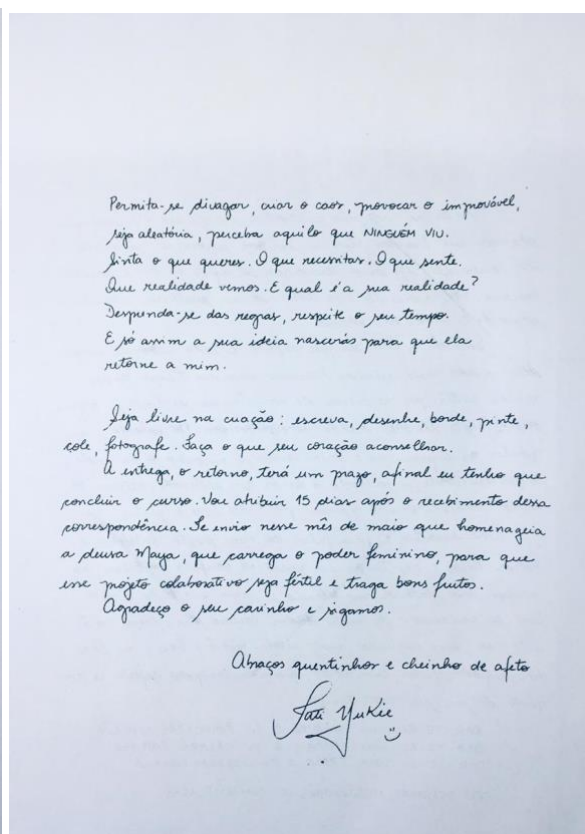
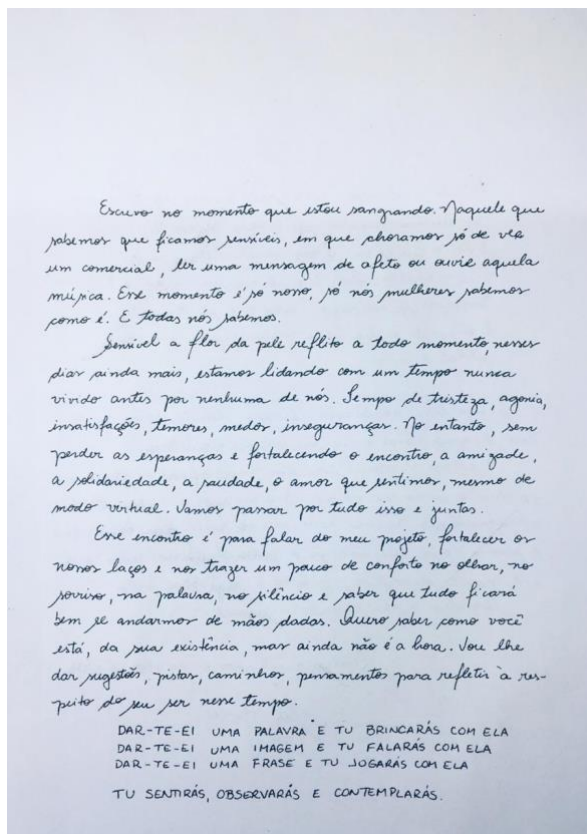
✉ **da adolescência:** Helen Marinho, Juliana Yamada, Renata Felinto

³² A materialidade do livro-objeto pode ser observada nos links: Eu e Elas | DE CÁ PRA LÁ. Disponível em: <<https://youtu.be/XsjR6Ez2OiE>>. Acesso em: 22.fev.2021 e Livro-objeto: Eu e Elas | De cá pra lá. Disponível em: <<https://youtu.be/V1r83qvC0xI>>. Acesso em 22.fev.2021.

Os convites

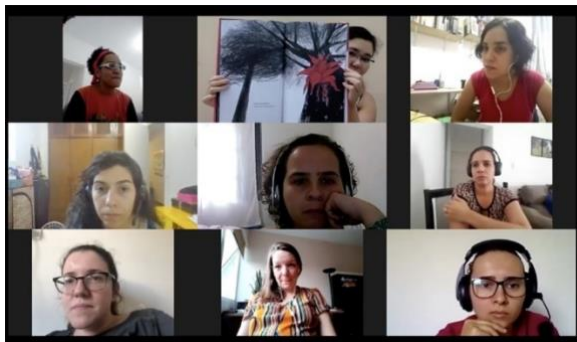


A Carta



Os encontros

Encontro 01 – 01 de maio de 2020



Encontro 02 – 02 de maio de 2020



Encontro 03 – 06 de maio de 2020



Encontro 04 – 07 de maio de 2020



Encontro 05 – 08 de maio de 2020



Encontro 06 – 09 de maio de 2020



Os postais e suas cartas-respostas



Simone Moraes



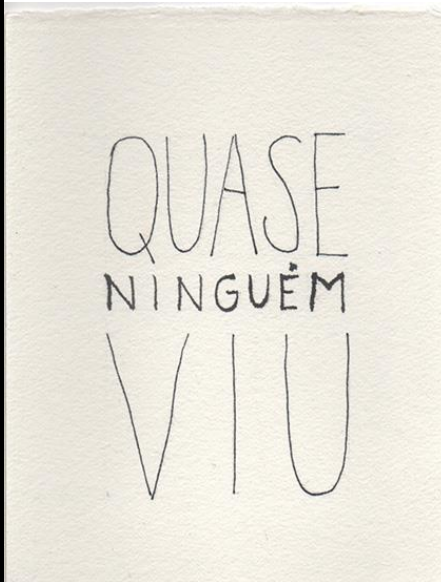
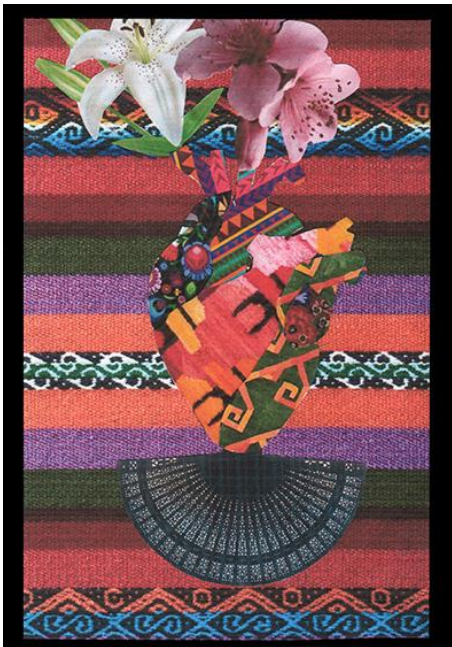
Helen Marinho



Teresa Mari



Íris Abreu



Simone Venâncio



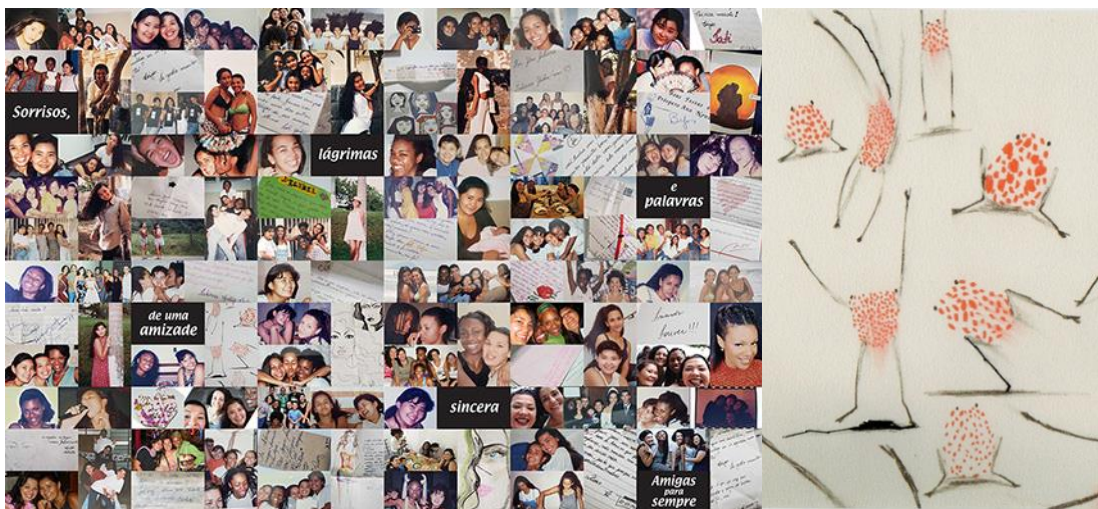
Claúdia Malaco



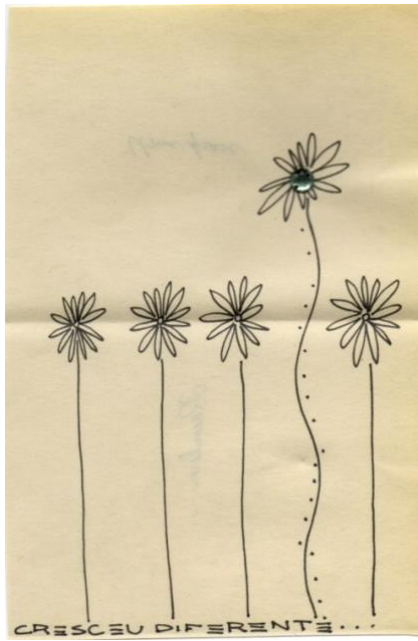
Laizane de Oliveira



Lígia Pin



Juliana Yamada



cresceu
DIFERENTE

Renata Felinto



estar perto não é físico



Yukie,
Fiquei feliz em receber o seu postal.
Ele me trouxe um carinho, um
quentinho e serviu para mostrar que
"estar perto não é físico".
Com carinho,
Angel



APROVEITOU
A
coragem

Angélica Angelo

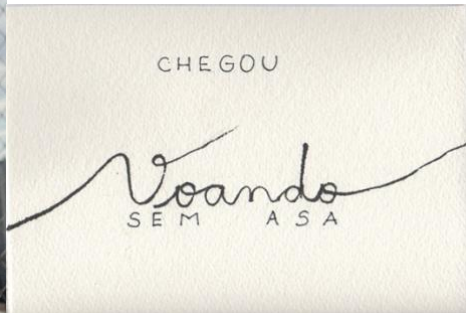
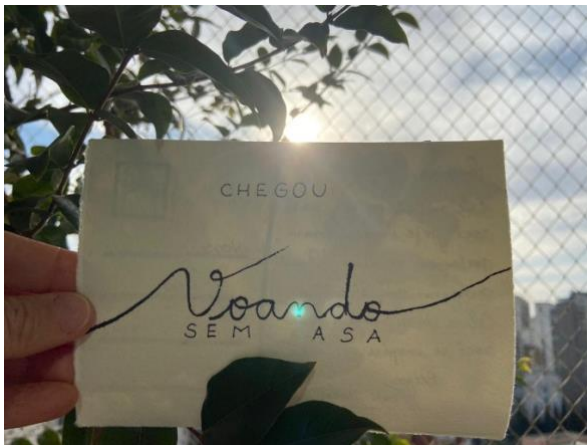
chegou
a
Mãe
e
acolheu



Adília Cristóforo



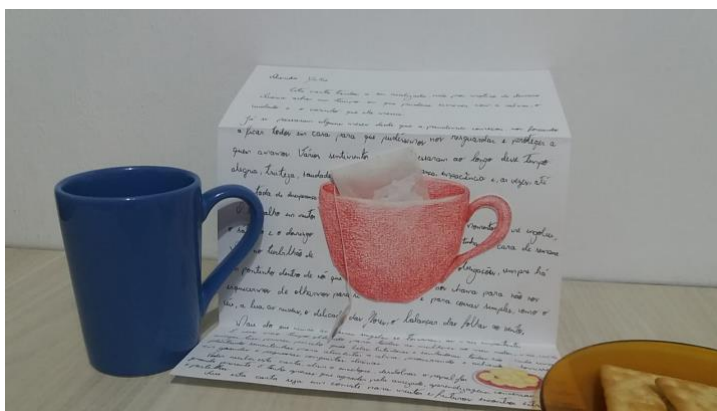
Flávia Violim



Jaqueline Ortiz



Jussara Lima



Leilyanne Ferreira

No mesmo instante os reconheceu, eram os seus sonhos de longa data, com rugas, barba e cabelos brancos. O tempo também passa para os sonhos, pensou. E que bom será se a memória deles estiver preservada. Exatamente neste momento, eles começaram a rir e ela logo percebeu que eles compreendiam a sua linguagem, um alívio para ela que muitas vezes se sentia uma estrangeira na própria terra, uma flor no deserto, um pássaro distante de seu bando, sempre olhando para o lado que ninguém estava enxergando, sempre ouvindo uma voz que lhe confiava a direção e o caminho, mas nunca o destino. A isso, ela chamava de fé, temendo que aos outros parecesse loucura, ela sabia ouvir seu coração e aprendera que o segredo da felicidade era entender que a felicidade passa e que ela teria que buscar de novo, em certos momentos, adiar esta busca, como alguém que acorda cedo para colher água no poço, mas sabe que no dia de chuva só vai encontrar lama e terá que esperar com sede.

Ficou pensando em todas essas coisas e os sonhos ali, escutando pacientemente, ciente de sua única missão naquele momento, meio sem acreditar no que estava vivendo, lembrou-se que com o passar dos anos seus sonhos mais íntimos foram mudando, nada mais natural que não tivessem o rosto da juventude, num gesto de consentimento, ajustou uma pequena bagagem nas costas e seguiu ao lado deles, ainda não sabia um final do trajeto, mas era preciso se manter em movimento.

Kelly Soares

S.P. 25/06/2020



Kelly Soares (a carta foi transcrita de um áudio)

São Paulo, 25 julho de 2020

Olá querida,

Eu acredito num pincel invisível do universo, ele chega sorrateiro e pinta o destino unindo pessoas, no dia que você me escolheu ele abusou das cores, usou uma paleta vibrante para dizer da nossa energia.

Recebi sua carta em um dia de sol, para quem acredita em pincel invisível, nada poderia ser surpresa, mas veja só. Quando a onomatopeia da campainha soou eu estava no trecho do livro: "Do Gonçalo M. Tavares, "Uma menina está perdida no seu século à procura do pai". Que diz exatamente assim: ... "Os dois olhos seguiram caminhos diferentes, disse, é como se tivessem uma biografia completamente distinta embora pertençam a mesmo homem- e Agam disse isto sorrindo. Cada um tem os seus problemas riu se de novo -, o olho esquerdo forcei-o de tal maneira que consigo com ele ver pormenores minúsculos inimagináveis."

Me perdi na delicadeza das palavras e nos detalhes minúsculos que acompanhavam a encomenda. Não parei de pensar em pessoas que ganharam um olho a mais e conseguem ver as pessoas por dentro, imaginar, criar e ser outro a partir das visões que só esse olho concede.

Me perdi em devaneios pensando que talvez todos ganhem esse olho ao nascerem, enquanto crianças usam e abusam desse olhar, e na adultice colocam esse olho para dormir até que ele durma para sempre cansado de lutar contra todos os esquemas sociais.

Meu neto está com esse olho tão aberto que a escola reclamou dele, "muito desatento" "Não se concentra".

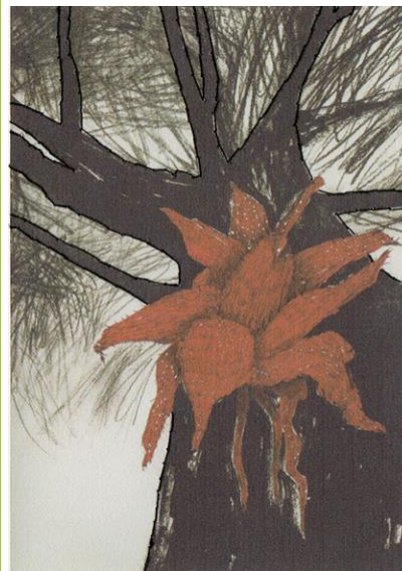
Com a pandemia, e as aulas online ele não conseguiu mesmo pôr o terceiro olho para dormir, como sou professora estou alfabetizando-o e descobri que ele viaja para o mundo da imaginação e cria um universo que só ele vê.

Ele é muito criativo e passa horas enxergando o mundo com esse terceiro olho, convida todos para esse mundo da imaginação e eu fiz de conta que também tenho um, porque juntos enxergamos um mundo fantástico através dos livros, a janela que abrimos para fugir desse que é tão real e cansativo.

Fizemos a viagem com o livro "Quase ninguém viu" E juntos nós vimos muitas possibilidades de existência.

Então criei essa historinha sobre ele, e queria convidar o seu pincel e os seu terceiro olho para continuar escrevendo com suas ilustrações.

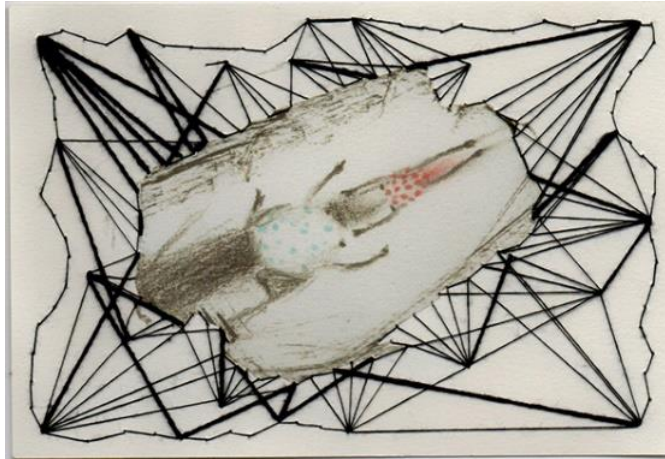
Assinado: A Vó do Raul



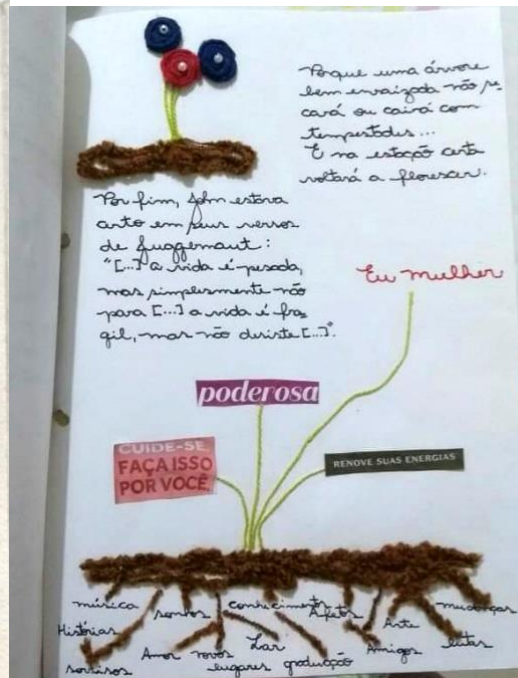
Vilma Ribeiro



Tatiane Mendes



Elenice Fernandes



Yasmin Gasparini